INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Intergeracionalidade no contexto do envolvimento pró-ambiental: uma avaliação de necessidades

Jeanny Fíngolo Dias

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:
Ph.D. Sibila Fernandes Magalhães Marques, Professora Auxiliar
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

junho, 2024

CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Intergeracionalidade no contexto do envolvimento pró-ambiental: uma avaliação de necessidades

Jeanny Fíngolo Dias

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:
Ph.D. Sibila Fernandes Magalhães Marques, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

junho, 2024

“Sem mim nada podeis fazer”

Jesus Cristo (João 15:5)

Agradecimentos

Aos meus pais, por serem uma base segura e exemplar, pelo amor cuidadoso e por todos os sacrifícios feitos.

Ao meu noivo, por amar-me de forma extraordinária, por ser exemplo e por inspirar-me a fazer melhor.

Aos meus irmãos, por serem modelos de esforço, dedicação e alegria.

Às minhas quatro companheiras de licenciatura e à minha companheira de mestrado, por fazerem com que o percurso não fosse solitário, mas prazeroso.

A todos os participantes do estudo, pela contribuição indispensável.

À minha orientadora, pela disponibilidade, pelo ensino e pelo acompanhamento surpreendente. Este trabalho não seria possível sem a sua direção.

A Deus, pois sem Ele todo o suporte dos familiares e amigos nunca seria suficiente. Ele é o meu sustento e o meu melhor amigo, todos os dias da minha vida.

Resumo

A problemática resultante das alterações climáticas e o acentuado envelhecimento demográfico da população constituem duas questões que afetam a sociedade e, por isso, necessitam de resposta urgente. O presente estudo propõe a prática da intergeracionalidade como forma de intervir sobre estas duas questões simultaneamente. Contudo, dada a escassez de programas intergeracionais direcionados ao ambiente no contexto português, o principal objetivo do estudo foi realizar uma avaliação de necessidades que permitisse investigar a perspetiva de duas gerações, pessoas idosas e pessoas jovens, face às temáticas em questão. Através de uma metodologia qualitativa, foram realizadas 20 entrevistas individuais semiestruturadas, sendo a amostra composta por dez pessoas idosas e dez pessoas jovens. Dados os objetivos propostos, a análise dos dados foi realizada com recurso a análise temática reflexiva. Quanto à temática ambiental, os resultados demonstraram que ambas as gerações reconhecem os efeitos negativos das alterações climáticas e a importância das ações individuais neste contexto. Referente ao processo de envelhecimento, verificou-se que a representação social das pessoas idosas é maioritariamente negativa, o que reforça a necessidade de combate às atitudes idadistas. Os dados obtidos fornecem informações relevantes que servirão de auxílio para a criação de intervenções futuras na área.

Palavras-chave: alterações climáticas; ambientalismo; envolvimento pró-ambiental; envelhecimento; idadismo; intergeracionalidade

Códigos PsycInfo:
2860 Aging & Older Adult Development
4070 Environmental Issues & Attitudes

Abstract

The problems resulting from climate change and the accentuated demographic aging of the population constitute two issues that affect society and, therefore, require an urgent response. The present study proposes the practice of intergenerationality as a way of intervening on these two issues simultaneously. However, given the lack of intergenerational programs aimed at the environment in the Portuguese context, the main objective of the study was to carry out a needs assessment that would allow us to investigate the perspective of two generations, older and younger people, regarding the themes in question. Using a qualitative methodology, 20 semi-structured individual interviews were carried out, with the sample consisting of ten older and ten younger people. Given the proposed objectives, data analysis was conducted using reflective thematic analysis. Regarding environmental issues, the results demonstrated that both generations recognize the negative effects of climate change and the importance of individual actions in this context. Regarding the aging process, it was found that the social representation of older people is mostly negative, which reinforces the need to combat ageist attitudes. The data obtained provides relevant information to help create future interventions in the area.

Keywords: climate change; environmentalism; pro-environmental engagement; ageing; ageism; intergenerationality

PsycInfo Codes:
2860 Aging & Older Adult Development
4070 Environmental Issues & Attitudes

Índice

Agradecimentos V

Resumo VII

Abstract IX

Introdução 1

Revisão de literatura 3

1.1. A problemática das alterações climáticas e o ambientalismo 3

1.2. Envolvimento pró-ambiental 4

1.3. Envelhecimento e Ambientalismo 5

1.4. Geração jovem e Ambientalismo 8

1.5. Representações sociais do envelhecimento 10

1.5.1. Idadismo 12

1.5.2. Intergeracionalidade 14

1.6. Fatores determinantes para a mudança de atitudes intergrupais 16

1.6.1 Contacto Intergrupal Positivo 16

1.6.2. Criação de laços afetivos 17

1.6.3. Exposição à informação contrária ao Estereótipo 17

1.7. Avaliação de necessidades 18

Metodologia 21

2.1. Design do estudo 21

2.2. Amostra 21

2.3. Instrumento 22

2.4. Procedimento 23

2.5. Qualidade de investigação 24

Resultados 27

3.1. Ambientalismo 29

3.1.1. Todas as gerações estão relacionadas ao ambientalismo 29

3.1.2. A escola é um mecanismo de incentivo ao ambientalismo 30

3.1.3. Participação prévia em projetos ambientais 31

3.1.4. Comportamentos pró-ambientais praticados 32
3.1.5. Ações individuais não são suficientes, mas têm um grande impacto 33
3.1.6. Principais barreiras ao ambientalismo 34
3.2. Envelhecimento 36
3.2.1. Representação social das pessoas idosas 36
3.2.2. A idade é subjetiva 38
3.2.3. Participação social das pessoas idosas 39
3.2.4. Há uma incompatibilidade entre as pessoas idosas e as pessoas jovens 41
3.3. Projeto intergeracional 42
3.3.1. Interesse para participar 43
3.3.2. Ideias de atividades 43
3.3.3. Importância do acompanhamento técnico 44
Discussão 47
Conclusão 57
Referências Bibliográficas 59
Anexos 71

Introdução

Dada a crescente necessidade de resposta à problemática das alterações climáticas e do envelhecimento demográfico, este trabalho busca salientar os pontos de encontro entre os dois temas, demonstrando o potencial de interligação e resposta mútua.

As alterações climáticas constituem um quadro de preocupação para as instituições governamentais, a nível global. Na sua multidimensionalidade, estas alterações significam não só aspetos ecológicos, mas influenciam também aspetos económicos, políticos e sociais devido aos seus impactos nos setores da agricultura, da biodiversidade, da silvicultura, da saúde, do turismo e da indústria (para revisão ver Abbass et al., 2022).

O ambiente e as suas atuais alterações têm despertado cada vez mais a atenção não só de grupos específicos, mas de toda a comunidade, visto que os efeitos provocados são cada vez mais visíveis, como a extinção de espécies, terramotos, cheias e incêndios. As mudanças radicais da temperatura produzem impactos negativos no bem-estar da humanidade, aumentando as taxas de mortalidade e morbilidade. Estes efeitos têm impactado a vida de muitas cidades e, consequentemente, dos seus habitantes (Nunes, 2018; Abbass et al., 2022).

Por outro lado, a par da evolução no contexto da saúde, sobretudo nos países mais desenvolvidos, tanto no meio social como académico o fenómeno do envelhecimento populacional tem sido alvo de crescente atenção. Em Portugal, segundo as estatísticas indicam, a esperança de vida à nascença é de 80,96 anos, e 23,4% da população residente em Portugal é constituída por indivíduos com 65 ou mais anos (mais 4,4 pontos percentuais do que o indicado nos censos de 2011) (INE, 2023; Pordata, 2022). Esta realidade torna-se ainda mais acentuada devido à baixa natalidade e aos movimentos migratórios da população jovem-adulta (Quintino, 2018; Bastos et al., 2024).

A esta realidade, acresce a problemática do isolamento social experienciado pela população idosa, considerado um problema de saúde a nível internacional (Manjunath et al., 2021). Entre outras razões para tal, a saída do mercado de trabalho impacta diretamente as interações sociais dos indivíduos, pelo que estes, consequentemente, experienciam uma queda no seu nível de participação social (Silva et al., 2018). As pesquisas têm demonstrado os efeitos negativos do isolamento e da solidão nas pessoas idosas, tanto a nível da saúde mental como física (Manjunath et al., 2021).

Unir o tema do envelhecimento com o tema do ambientalismo é uma forma de integrar dois assuntos de preocupação atual da sociedade.

No meio académico, o tema do meio ambiente tem sido pouco associado ao tema das gerações e ao respetivo envolvimento destas com a natureza. A investigação é ainda mais

escassa no que toca ao relacionamento da geração envelhecida com o meio ambiente (Dantas, 2023; Salvalaio et al., 2023). No caso das gerações mais jovens, ainda que não seja vasta ou excessiva, existe uma maior variedade de estudos (para revisão ver Neas et al., 2022).

No meio da comunicação social, é claramente visível o envolvimento dos mais jovens com as iniciativas e manifestações pró-ambientais. Segundo a revisão de literatura realizada por Neas e colaboradores (2022), a representação mediática do ativismo ambiental jovem cresceu exponencialmente em 2018, no âmbito do movimento iniciado pela jovem Greta Thunberg, o que despoletou inúmeras greves escolares organizadas e manifestações públicas. A difusão deste movimento beneficiou em larga escala das redes sociais, o universo de especialidade das gerações mais jovens, assumindo assim um carácter internacional (Han & Ahn, 2020).

Dado os estereótipos e preconceitos existentes contra a população sénior (Marques et al., 2020), o que resulta muitas vezes em clivagens entre gerações, importa combater a ideia de que a geração de pessoas idosas não está interessada nas mudanças observadas no meio ambiente. Assim como é também importante incentivar esta geração para o envolvimento pró-ambiental, enquanto forma de envolvimento comunitário.

Neste âmbito, o presente estudo consiste em uma avaliação de necessidades no contexto do envolvimento pró-ambiental, enquanto ferramenta para a prática intergeracional.

CAPÍTULO 1

Revisão de literatura

1.1. A problemática das alterações climáticas e o ambientalismo

As alterações climáticas são definidas através das tendências observadas em determinados componentes do clima, como os níveis de temperatura, precipitação e humidade. As anormalidades ambientais que se têm tornado em padrões, como o derretimento das camadas de gelo e o aumento do nível do mar, são também evidências destas alterações (para revisão ver Abbass et al., 2022).

Do ponto de vista da população, os efeitos de tais alterações se têm tornado cada vez mais notórios e facilmente observáveis, facto que é exacerbado pela globalização e pela media. Tais efeitos não são somente observados, como também têm sido vivenciados por muitas comunidades afetadas pelos fenómenos climáticos que chegam às cidades (Salvalaio et al., 2023), como por exemplo as cheias e os terramotos, desastrosos para as habitações e outros bens. Segundo um artigo publicado pelas Nações Unidas, em 2020 mais de 30 milhões de pessoas foram obrigadas a deixar as suas casas devido a questões climáticas (United Nations Climate Change, 2022).

Uma maior frequência de desastres naturais implica também um maior risco para os países menos desenvolvidos e para as populações mais vulneráveis, dado que o impacto de tais desastres e a capacidade de adaptação depende em larga escala dos recursos que estão disponíveis para as vítimas (Ebi et al., 2021). Além disso, as catástrofes ambientais afetam também o bem-estar e a saúde da população em geral, não só a nível físico como também mental, podendo resultar em quadros de ansiedade, stress pós-traumático e sentimentos exacerbados de perda e luto (para revisão ver Palinkas & Wong, 2020).

O conceito de desenvolvimento sustentável apresentado por Elkington em 1994 (Klarin, 2018) retira o foco unicamente económico que existia no passado, considerando uma abordagem tridimensional: ambiente, economia e sociedade. Esta nova visão acrescenta a importância da preservação do bem-estar da população no meio onde vive. Este modelo de três dimensões afirma que o cuidado com uma das dimensões tem como consequência um impacto positivo nas outras duas, de forma circular (para revisão ver Nadal et al., 2022). O ambiente traduz-se no bem comum a todas as gerações. Pelo que “a melhor ideia do projeto sustentável é aquela que seja de todos nós.” (Matos et al., 2017, p.4).

Assim como as estratégias top-down, as estratégias bottom-up também têm muito a oferecer no que toca ao cuidado do meio ambiente. É necessária uma conscientização no sentido de que muitas ações estão ao alcance da comunidade. No Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (United Nations Environment, 2019), são apresentadas duas

áreas de intervenção no âmbito da alteração climática: a mitigação, referente à prevenção ou atenuação dos efeitos das alterações climáticas, e a adaptação, que explora as formas de lidar com as mudanças que já ocorreram. Em ambos os casos, existem ações “simples” que podem ser postas em prática por qualquer indivíduo no seu quotidiano. Como por exemplo o uso eficiente de água, no caso da adaptação, ou mudar os hábitos de consumo, no caso da mitigação (Rieckmann et al., 2021).

Sabendo que as pessoas são mais motivadas quando atribuem significado às suas ações (Kennedy, 2010), além das regras impostas pelas políticas públicas, é importante que a população seja pessoalmente envolvida em práticas sustentáveis.

Quando o cuidado com o meio ambiente é encarado como responsabilidade única das políticas públicas, os resultados daí provenientes tornam-se ineficazes diante da dimensão do problema em questão. Habitualmente, as ações/atividades em prol do meio ambiente são pensadas, planeadas e implementadas por determinadas entidades que sejam especializadas no assunto, e que tenham poder/recursos para pôr esses tais projetos em prática. Contudo, ainda que essas ações produzam resultados benéficos, as mesmas tendem a ser pontuais, existindo muitas vezes grandes intervalos entre projetos (Matos et al., 2017). Em contraponto, sabe-se que as transformações que estão a ocorrer no meio ambiente decorrem de forma contínua e ininterrupta.

Para além disso, as políticas desenvolvidas por grupos delimitados não têm os recursos necessários para considerar as especificidades das interações entre indivíduos e o seu meio no quotidiano. As dinâmicas que são estabelecidas no dia a dia da comunidade estão diretamente relacionadas aos padrões comportamentais direcionados ao meio ambiente. O objetivo deverá ser implementar ações que considerem os resultados não só a nível técnico, mas principalmente mudanças que sejam significativas para o funcionamento da sociedade (Matos et al., 2017).

Assim, salienta-se a importância de que o ambientalismo seja do interesse de toda a população.

1.2. Envolvimento pró-ambiental

Existem diversas maneiras de ingressar no universo do envolvimento pró-ambiental, como: associar-se a ONGs ou a outros grupos direcionados ao ambiente; praticar lobbying junto de organizações/empresas; participar de protestos; implementar litígios; etc. (Garcia-Gibson, 2023).

O ativismo ambiental tem sido dividido em duas categorias principais. Por um lado, existem os comportamentos pró-ambientais, caracterizados como ações individuais que buscam dar resposta aos atuais problemas climáticos, como por exemplo praticar reciclagem

ou reduzir o consumo de carne. Por outro lado, existem as ações coletivas, que numa escala maior participam de políticas no âmbito das alterações climáticas (Ayalon et al., 2022).

Alguns autores reconhecem, a par da responsabilidade dirigida ao sistema governamental e às grandes entidades, a importância da transformação a nível dos comportamentos individuais (Linder et al., 2022). Segundo estes autores, ainda que uma grande percentagem da população admita a realidade das alterações climáticas, não foi constatada uma viragem/mudança suficiente na forma como as sociedades vivem o seu dia a dia. Os comportamentos pró-ambientais constituem um recurso valioso para a mitigação da degradação ambiental, auxiliando, por exemplo, na redução da emissão de dióxido de carbono e na diminuição do desperdício de recursos naturais (van Valkengoed et al., 2022; para revisão ver Tian & Liu, 2022).

Na perspetiva de Ayalon e colaboradores (2022), ainda que ambas sejam importantes e produtoras de efeitos positivos, o alcance das ações individuais não é o suficiente. Os autores salientam a necessidade de um envolvimento macro/alargado, seja a nível das entidades governamentais ou ao nível de comunidades locais, na criação de novas políticas de mitigação e adaptação face aos problemas ambientais (para revisão ver Ayalon et al., 2022).

Não obstante, sabe-se que as ações individuais, quando transformadas em ações de grupo e comunidade, têm o potencial de alcançar uma escala global e alertar os grandes líderes mundiais, como foi o caso das greves escolares que despoletaram em 2018 (Neas et al., 2022). Os efeitos deste tipo de ativismo ambiental são considerados indiretos. Isto significa que as ações postas em prática não visam impactar diretamente o meio ambiente, tendo como objetivo principal advertir os grandes líderes e entidades, de forma a impor alterações ao sistema atual (Fisher & Nasrin, 2021).

Desta forma, estabelecida a importância dos diferentes tipos de ações que visam o cuidado do meio ambiente, sejam estas geradores de efeitos diretos ou indiretos, o presente estudo considera como envolvimento pró-ambiental qualquer participação em atividades que tenham como objetivo principal a sustentabilidade ambiental.

1.3. Envelhecimento e Ambientalismo

Quando comparada com as gerações mais novas, grande parte da população envelhecida cresceu em maior contacto com a natureza, sendo que muitas destas pessoas passaram parte da sua vida a viver no campo. Assim, esta população reconhece a beleza do meio ambiente e expressa afeto pelo mesmo (Dennis & Stock, 2019). Apesar do tempo disponível, vasta experiência, e de constituírem um dos grupos mais afetados neste domínio, o envolvimento das pessoas idosas ainda é escasso nas ações pró-ambientais.

Segundo a revisão sistemática de literatura realizada por Salvalaio e colaboradores (2023), o estudo deste tema está ainda pouco desenvolvido, sendo, entretanto, possível observar uma crescente investigação na área. Contudo, os autores afirmam também que a relação do envelhecimento com as alterações climáticas não consiste no foco dos estudos emergentes, sendo o envelhecimento somente um dos tópicos presentes em análises que avaliam um conjunto de dimensões (Salvalaio et al., 2023).

As pessoas idosas estão incluídas na população dos mais vulneráveis às alterações climáticas. Muitos fatores acarretam esta realidade, como mobilidade reduzida, alterações fisiológicas, diminuição de recursos e, consequentemente, diminuição da capacidade de adaptação. Neste sentido, apresentam também mais riscos perante temperaturas extremas e, portanto, mais risco de mortalidade (para revisão ver Pillemer et al., 2022a).

Contudo, como afirmado por Pillemer (et al., 2022a), olhar para esta questão apenas deste ponto de vista é limitativo. O combate mitigador das alterações climáticas beneficia em larga escala das ações da comunidade, sendo assim, é importante que a população mais envelhecida também seja considerada como um recurso nesta área de intervenção.

Nos estudos de Pillemer e colaboradores, um dos autores que mais se tem dedicado ao tema, é utilizado o termo “older environmental activism” para referir-se aos comportamentos de envolvimento ambiental postos em prática pela população idosa, habitualmente em cooperação com organizações (Pillemer et al., 2022a). O incentivo para o ativismo ambiental desta população é uma forma de resposta a duas questões sociais que necessitam de atenção urgente: a integração da comunidade idosa e a intervenção face ao atual estado de conservação do ambiente. Para além de contribuir para a saúde física das pessoas idosas, a participação em atividades cívicas contribui também para a sua participação na comunidade e consequente bem-estar psicológico (Chen et al., 2022; Pillemer et al., 2022a).

Além disso, sabe-se também que as atitudes pró-ambientais estão positivamente associadas à generatividade, isto é, o interesse em contribuir para o bem das gerações futuras. Sendo esse um desejo presente particularmente nos mais velhos, constitui assim um facilitador e motivador para o ativismo ambiental (Chen et al., 2022).

Quanto às barreiras para o envolvimento ambiental desta população, dois tópicos têm sido considerados: as atitudes sobre o ambiente e as barreiras organizacionais.

Alguns estudos têm indicado que as pessoas idosas apresentam menos atitudes pró-ambientais do que outros grupos etários, nomeadamente pessoas jovens, como por exemplo em situações que requeiram investimentos financeiros. Segundo o autor, esta população “de forma generalizada parece menos preocupada com a mudança climática, menos disposta a fazer um esforço pessoal para a preservação do ambiente, e menos preparada para apoiar políticas pró-ambientais” (para revisão ver Pillemer et al., 2022a, p.5).

Contudo, para além de uma perspetiva interna que considera as atitudes das pessoas idosas, é importante ter atenção às barreiras estruturais impostas pela forma como a sociedade está sistematizada, assim como pela falta de investimento das organizações na atração deste grupo etário (para revisão ver Wells & Pillemer, 2015). As pesquisas com esta população têm revelado que práticas de envolvimento em ações ambientais, que são reduzidas, diferem em muito da sua intenção de contribuir para a preservação do ambiente (Bushway et al., 2011; Dennis & Stock, 2019). As pessoas idosas reportam não estarem a par deste tipo de ações na sua comunidade, assim como não sabem como podem vir a participar (Pillemer, 2022a).

Numa pesquisa que procurou analisar as diferenças geracionais no âmbito da sustentabilidade, a geração Baby Boomer, definida segundo as diretrizes de Strauss e Howe (1991, cit. por Severo et al., 2018) por indivíduos nascidos até 1964, foi descrita como tendo uma relação mais teórica do que prática com o meio ambiente, isto é, manifestam maior preocupação com o tema do que comportamentos práticos e observáveis. Já a geração Y, definida segundo as diretrizes de Strauss & Howe (1991, cit. por Severo et al., 2018) por indivíduos nascidos a partir de 1982, apresentava uma maior prática ambiental. Contudo, neste estudo, é importante considerar que a amostra da geração Y (68%) era significativamente maior que os participantes da geração Baby Boomer (8,5%), assim como era uma amostra de conveniência não representativa. Tal facto pode ser explicado pelo estudo ter-se realizado online (Severo et al., 2018).

A população mais envelhecida não está alheia às questões ambientais, contudo existe o sentimento de que não serão diretamente afetados pelas alterações climáticas, assim como sentem que não podem agir de forma a impedir os seus efeitos (GreenerAge, 2023). O estudo realizado pelo projeto GreenerAge (GreenerAge, 2023) revelou que os indivíduos com mais de 55 anos têm interesse no tema da sustentabilidade, mas afirmam que faltam informações práticas que os permitam desempenhar um papel mais ativo neste contexto. Os resultados mostram também a escassez tanto de iniciativas como de evidências que comprovem o impacto dos projetos que foram postos em prática. Diante da falta de treino sobre como participar da preservação ambiental, os participantes expressam o desejo de que existam ferramentas simples e intuitivas que os possam equipar neste sentido. Assim, as principais conclusões do estudo GreenerAge salientam a importância de projetos que tenham em conta a especificidade da população envelhecida, isto é, a estrutura das ações deve ser de fácil compreensão e aplicabilidade por parte dos seus recetores (para revisão ver GreenerAge, 2023).

Neste âmbito, o programa *Retirees in Service to the Environment – RISE*, desenvolvido por Pillemer e colaboradores (2017), apresenta especial relevância. Baseados numa extensa investigação que englobou os aspetos necessários para a criação de um programa como este,

foram utilizados quatro princípios para a construção do programa: disponibilizar informação sobre as questões ambientais, através do contacto com especialistas; formar líderes ambientais; criar conexões sociais; e praticar o que foi aprendido. Assim, o programa tem uma duração aproximada de 30 horas, divididas em 8 semanas, e é constituído por três componentes: Capacidades para a ação e liderança ambiental, Sessões de workshop e Projeto *stewardship* (um projeto direcionado ao ambiente e desenvolvido na comunidade). Segundo os autores, um dos objetivos do programa é dar resposta a estas barreiras estruturais que impedem o envolvimento da população idosa (Pillemer et al., 2017).

Conclui-se que incluir a população de pessoas idosas nas questões pró-ambientais é uma forma de minimizar o entendimento deste grupo etário apenas como cidadãos passivos na discussão dos temas que estão na ordem do dia (Bento, 2021).

1.4. Geração jovem e Ambientalismo

Em alguns estudos que buscam explorar a relação entre o ativismo ambiental e a população de pessoas jovens, tem sido considerada a faixa etária dos 15 aos 24 anos, intervalo baseado no Relatório Jovem Mundial das Nações Unidas (Han & Ahn, 2020; O`Brien et al., 2018).

A geração jovem é descrita como aquela que pode ser afetada pelo meio ambiente e as suas mudanças de duas formas distintas: por um lado, é vista como aquela que mais será prejudicada pelas ações das gerações mais velhas (Corner et al., 2015). Ao viver num ambiente alterado, o bem-estar desta geração é afetado pelos perigos e previsões negativas das alterações climáticas (Han & Ahn, 2020). Por outro lado, a geração jovem é também aquela que mais irá desfrutar das políticas de preservação do ambiente (Corner et al., 2015), assim como é considerada uma fonte de esperança no combate às alterações climáticas (Han & Ahn, 2020).

Há alguns anos, as pesquisas indicavam uma maior distância entre a geração jovem e as atitudes, crenças e comportamentos pró-ambientais (Wray-Lake et al., 2010).

O fenómeno do afastamento psicológico constituiu uma das explicações para a falta de envolvimento prático. Foi considerado que muitos jovens acreditavam que os impactos das alterações climáticas ainda não estavam a ocorrer nas suas próprias sociedades. Em adição, foi também abordada a questão da autoeficácia, traduzida em acreditar que as suas ações não eram suficientes para provocar um impacto positivo e significativo face a estas alterações do clima (para revisão ver Corner et al., 2015).

Contudo, o mundo observou este afastamento a ser largamente contrariado no ano de 2018. A exposição do ativismo ambiental jovem nos canais de comunicação cresceu exponencialmente neste ano, assim como também foi intensificada a produção científica direcionada ao tema. O descontentamento da jovem Greta Thunberg, que manifestou a sua

indignação face às alterações climáticas e a inação dos grandes líderes mundiais, influenciou milhares de jovens e adolescentes ao redor do mundo. Neste contexto foi originado o movimento Fridays for Future, sextas-feiras pelo futuro em português. Nestas sextas-feiras, os jovens apoiantes faltavam às aulas para realizarem manifestações organizadas sobre o meio ambiente, onde exigiam ações por parte das entidades governamentais (Neas et al., 2022).

Para o alcance desta escala global, o movimento beneficiou amplamente das partilhas através das redes sociais, como o Instagram e o Twitter, plataformas que funcionaram como alavancas para estas ações. Como em um processo de influência social, o movimento envolveu a população juvenil de forma gradual e tornou-se atrativo para milhares de jovens e adolescentes em diferentes países, criando o que se pode chamar de "*identidade coletiva*" (para revisão ver Cloughton, 2021, p.4; Han & Ahn, 2020).

Algumas razões têm sido consideradas como impulsionadoras desta mudança de cenário no ativismo jovem. Segundo a revisão de literatura realizada por Neas e colaboradores (2022), os jovens são levados ao envolvimento pró-ambiental por diversos motivos, como por exemplo: para denunciar a inação dos líderes e governos; devido a necessidade de cuidar das gerações futuras; pelo desejo de participar dos protestos; e para adquirir capital social.

O crescimento da educação sobre o meio ambiente fornecida pelas escolas tem também sido visto como um mecanismo impulsionador. Tanto na escola primária como na escola secundária este tema tem sido abordado com maior frequência, o que pode transformar as atitudes destas gerações face às alterações climáticas e ao envolvimento pró-ambiental. Ao ter conhecimento da discrepância entre o que deveria ser feito no contexto da preservação ambiental e as medidas que são ou não postas em prática pelos governos, são gerados sentimentos de descontentamento e de insatisfação na população juvenil (Cloughton, 2021; Tinkler & Bousfield, 2019).

Segundo Han e Ahn (2020), o ativismo ambiental jovem pode ser entendido a partir de uma narrativa: "*Os vilões – adultos, políticos, a media, as indústrias extrativas – não agiram em resposta ao aprofundamento da crise climática e passaram o fardo de abordar o problema às gerações futuras, que são as vítimas. Diante da inação grosseira e negligência dos vilões, as vítimas não permanecerão meras vítimas* (p.11)."

Como característica do ativismo ambiental jovem, as pesquisas indicam que esta geração perceciona e aborda as questões climáticas a partir de uma visão mais extremista, relacionada a tópicos como a justiça, o capitalismo e a economia, definindo a problemática como uma emergência e um possível desastre (para revisão ver Neas et al., 2022).

Visto que tais características, de teor mais radical, não têm sido tão fortemente associadas aos adultos mais velhos envolvidos em atividades pró-ambientais, isto constitui

um ponto positivo para que a cooperação entre indivíduos mais jovens e as gerações anteriores seja incentivada.

O envolvimento pró-ambiental é proveitoso não só para o meio ambiente, mas traz também benefícios pessoais para os envolvidos. Além de contribuir para uma maior autoeficácia e perspetivas mais otimistas, os jovens que praticam o ativismo ambiental têm também mais chances de interagir socialmente e formar novas relações. Como exemplo dos seus variados resultados, as ações implementadas pelos jovens provocaram um aumento no convívio e no diálogo de grupos distintos, como estudantes, professores, movimentos associativos, e até mesmo grandes líderes (para revisão ver Neas et al., 2022).

Ainda que mudanças mais radicais e eficazes não tenham sido implementadas na frequência pretendida, o ativismo jovem foi bem-sucedido ao chamar a atenção dos organismos políticos, a nível mundial, para a problemática em questão (Neas et al., 2022).

Conclusão da temática

Em suma, após a exploração da temática ambiental em relação com as duas diferentes populações, é possível perceber que tanto as pessoas idosas como as pessoas jovens demonstram o desejo de envolver-se com as questões ambientais. Contudo, foram evidenciadas algumas barreiras à um maior envolvimento pró-ambiental das pessoas idosas. Dado isto, de seguida será abordado o tema das representações sociais do envelhecimento, enquanto potencial influenciador das barreiras identificadas.

1.5. Representações sociais do envelhecimento

O significado do envelhecimento e da pessoa idosa possui um carácter dinâmico, sendo um resultado das narrativas construídas pela sociedade em diferentes épocas (Hausknecht et al., 2020).

A representação social desta faixa etária tem sido alterada ao longo da história. No passado, de acordo com a tradição, os mais velhos eram sinónimo de respeito e autoridade (Giddens, 2000). Nos dias de hoje, ao se pensar na definição desta população, é comum a noção muito difundida de que esta altura da vida está principalmente associada a dificuldades fisiológicas. O envelhecimento tem sido retratado de forma negativa, “geralmente definido em termos de perda ou declínio após a maturação” (Garrison-Diehn et la., 2022, p.4). As pessoas idosas são muitas vezes reduzidas a doenças e problemas físicos, e a dependência que daí advém. Diversos tipos de estereótipos são associados a esta população: doença, incompetência, senilidade, perda de memória, diminuição da felicidade, solidão, entre outros (Garrison-Diehn et al., 2022; Royal Society for Public Health & Calouste Gulbenkian Foundation, 2018). Esta perspetiva, baseada na diminuição natural de algumas capacidades

físicas e cognitivas e que define as pessoas idosas como inativas, faz com que o potencial de contribuição e participação social deste grupo seja desvalorizado.

Contudo, visto a necessidade do reconhecimento desta faixa etária como parcela significativa e integrante da sociedade, observa-se a formação e o crescimento de um vasto campo de investigação que incide sobre as características e demandas da população envelhecida e que não se foca unicamente em aspetos biológicos. Neste contexto emergente têm sido explorados termos como "envelhecimento bem-sucedido", "envelhecimento positivo" e "envelhecimento ativo", contribuindo para a alteração do conceito do processo de envelhecimento e da pessoa idosa (Hausknecht et al., 2020).

Ainda que os problemas de saúde sejam uma realidade acrescida em idades avançadas, uma visão generalista da população idosa acaba por negligenciar as outras características destes indivíduos, assim como afasta a atenção daqueles que ainda apresentam boas condições de saúde e autonomia. Apesar do acréscimo de doenças físicas nesta população, sabe-se também que muitas pessoas idosas permanecem saudáveis até idades avançadas (Garrison-Diehn et la., 2022). Além disso, sabe-se também que para além dos aspetos físicos, o cuidado a nível psicológico e emocional é essencial para um melhor processo de envelhecimento (Royal Society for Public Health & Calouste Gulbenkian Foundation, 2018). Assim, a diminuição da saúde enquanto sinónimo de dependência não deve ser estendida a todos os indivíduos considerados de mais idade, assim como devem ser considerados os outros aspetos que influenciam o bem-estar e a necessidade/procura de ajuda.

A qualidade de vida é um conceito multidimensional, dependente de aspetos sociais, económicos, culturais, civis e espirituais. Sendo assim, o declínio de algumas capacidades psicológicas e físicas não deve ser considerado impeditivo da qualidade de vida do indivíduo (para revisão ver Mendes, 2020). Sabe-se que este conceito não se prende só à questões de saúde, mas também a um estado psicológico de bem-estar (Ingrand et al., 2018). Isto significa que o que dita o nível de qualidade da vivência do sujeito não deve ser a perceção de outros indivíduos, mas a própria avaliação subjetiva da sua vida. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a qualidade de vida é definida como *"a perceção de um indivíduo da sua posição na vida no contexto da cultura e dos sistemas de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações"* (World Health Organization, 2012). Nestes termos o bem-estar do sujeito é entendido como o resultado da interação entre o sistema em que este está inserido e os seus parâmetros/ideais de vida.

Assim, sendo que o processo de envelhecimento é complexo por envolver mudanças em todos as esferas da vida, os estudos que visam compreender os mecanismos que tornam essa adaptação positiva devem também ser complexos, no sentido em que devem englobar todos os domínios da vivência do sujeito (para revisão ver Boamah et al., 2021).

Diante da realidade do envelhecimento populacional, muitos governos focam-se principalmente nas condicionantes económicas deste quadro. A busca por respostas de apoio social, foca-se nos meios para que os gastos com a população sénior sejam sustentáveis. Contudo, quando em comparação com gerações anteriores de pessoas idosas, o atual perfil desta população indica maiores níveis de saúde, educação e produtividade (United Nations, 2023).

Assim, no que toca à discussão sobre as medidas sociais a serem adotadas, deve ser assumida uma nova visão sobre o potencial contributivo das pessoas idosas. No passado, os esforços da comunidade científica incidiam sobre o aumento da esperança de vida. Nos dias de hoje, alcançado este objetivo, é necessário que sejam disponibilizados os meios para uma vida com maior qualidade e bem-estar.

1.5.1. Idadismo

Apesar da noção estereotipada de que a vivência da pessoa idosa é marcada pela doença e inatividade, sabe-se na verdade que muitas pessoas mais velhas possuem as capacidades que os permitem viver uma vida ativa. Diante da sua nova realidade, o que está em falta são as ferramentas educacionais que os permitam adaptar-se à sua corrente rotina (Antunes, 2017). Contrariamente ao estereótipo que faz parte do senso comum, que afirma que as pessoas idosas são menos felizes, pesquisas têm vindo a demonstrar que o bem-estar subjetivo e a perceção de saúde estão presentes nas idades mais avançadas (para revisão ver Garrison-Diehn et la., 2022).

Contudo, como consequência da visão partilhada socialmente sobre o envelhecimento e as suas condicionantes, a população envelhecida tem experienciado um significativo isolamento social (Boamah et al., 2021). Uma das causas da inatividade tão falada no contexto desta geração deve-se à segregação deste grupo por parte da sociedade. As pessoas idosas são separadas dos restantes grupos sociais, assim como são alvo de muitos estereótipos negativos. Tal facto torna-se particularmente preocupante, dada a correlação existente entre a falta de participação social e o declínio cognitivo nesta população (para revisão ver Manjunath et al., 2021).

Diversos fatores estão associados à origem do isolamento desta população, como a dispersão da família, a perda de entes queridos, e o declínio da mobilidade e da saúde (Boamah et al., 2021). Neste contexto, vale sublinhar as condicionantes da reforma profissional, dada a íntima ligação do contexto de trabalho com as relações sociais (Silva et al., 2018).

O decorrer da vida humana é marcado pelo contacto com grupos sociais. Durante a infância, as crianças passam grande parte dos seus anos na escola. Na vida adulta, habitualmente, oito horas quotidianas são dedicadas ao trabalho. Contudo, ao chegar a uma

determinada idade - em Portugal aos 66 anos e 4 meses - existe uma interrupção desses contactos sociais “impostos” pela comunidade em que estamos inseridos. O estabelecimento da reforma como regulamento das sociedades acarreta também muitos processos psicológicos e sociais, pois afeta aspetos como a identidade, a fonte de rendimento e as relações sociais do sujeito. Além disso, dá também origem ao estereótipo de inatividade e improdutividade associado a este grupo etário (para revisão ver Silva et al., 2018). Por outro lado, ao ser considerada a perspetiva do desenvolvimento contínuo e do envelhecimento ativo, a reforma pode também significar uma nova oportunidade de vida ativa, sendo que os que dela gozam dispõem de maior tempo livre do que dispunham anteriormente. Desta forma, os impactos da saída do mundo profissional vão depender do significado que o sujeito atribui a esta nova fase da sua vida (para revisão ver Silva et al., 2018).

Não obstante, os estereótipos direcionados a esta população dificultam a vivência positiva da fase da vida em que estão. O termo idadismo, no original “ageism”, é hoje aplicado para relações com teor discriminatório entre quaisquer gerações, com base somente na idade (Lima, 2013). No entanto, foi criado por Butler para referir-se às atitudes preconceituosas dos adultos direcionadas aos indivíduos mais envelhecidos (1969, cit. por Lima, 2013).

Este fenómeno apresenta dimensões distintas, podendo ser observado pelo seu carácter cognitivo (e.g., estereótipos), afetivo (e.g., preconceito) ou comportamental (e.g., discriminação). Quanto ao alvo das crenças idadistas, estas tanto podem ser direcionadas a terceiros, como também podem ser direcionadas ao próprio indivíduo que experiencia estes aspetos negativos relacionados ao envelhecimento (Marques et al., 2020).

De acordo com a investigação, os estereótipos idadistas são adquiridos na infância e podem adquirir um carácter de “profecia autorrealizável” nas pessoas idosas, tornando-se em uma influência negativa na vida desta população. Ao acreditar no conteúdo estereotípico o bem-estar das pessoas idosas é afetado, condicionando aspetos como a performance cognitiva e a vontade de viver (para revisão ver Marques et al., 2020).

Devido à sua grande extensão e consequências para o bem-estar individual, o idadismo prejudica o processo de envelhecimento, consequentemente tornando-se em uma questão de saúde pública (Officer & de la Fuente-Núñez, 2018).

Segundo o modelo Stereotype Content Model (Fiske et al., 2002), os estereótipos sobre determinado grupo surgem a partir da avaliação de duas dimensões: competência e afetuosidade. De acordo com as pesquisas que visam inserir as crenças sobre as pessoas idosas neste modelo, este grupo é visto, de forma generalizada, como afetuoso mas incompetente (para revisão ver Marques et al., 2014).

Apesar do seu carácter nocivo, o idadismo está presente em diversos países e aparenta ser mais aceito pela sociedade, quando em comparação com outras formas de

discriminação (Officer & de la Fuente-Núñez, 2018; Royal Society for Public Health & Calouste Gulbenkian Foundation, 2018).

Visto isso, para que se construa uma nova visão do envelhecimento, que o permita ser mais ativo e participativo da sociedade, é necessário que as gerações mais novas sejam educadas neste sentido (Mendes, 2020). O contacto entre gerações, que permita a reformulação da maneira como o envelhecimento e as pessoas idosas têm sido percepcionadas, é considerado um dos preditores mais significativos de redução do idadismo (Marques et al., 2020). É neste contexto que surge a necessidade de promoção da intergeracionalidade.

1.5.2. Intergeracionalidade

Os estudos que se têm dedicado a encontrar os critérios para o envelhecimento bem-sucedido afirmam o papel ativo do sujeito como uma das suas premissas. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o envelhecimento ativo define-se como o "*processo de otimização de oportunidades para a saúde, participação e segurança, no sentido de aumentar a qualidade de vida ao longo do processo de envelhecimento*" (World Health Organization, 2002, p.12). A reformulação deste conceito, por parte do International Longevity Centre, corrobora a importância da saúde, da participação social e da segurança, mas propõe um modelo de quatro pilares, sendo adicionado o papel da educação ao longo da vida (Bárrios, 2016).

No âmbito do Plano de Ação para o Envelhecimento Ativo e Saudável, são oferecidas algumas diretrizes para o desenvolvimento do bem-estar da população idosa, através de uma perspetiva holística. Foram estipuladas seis principais áreas de ação: Saúde e bem-estar, Autonomia e vida independente, Desenvolvimento e a aprendizagem ao longo da vida, Vida laboral saudável ao longo do ciclo de vida, Rendimentos e economia do envelhecimento, e Participação na sociedade (República Portuguesa, 2024).

Sendo que todas estas áreas podem ser afetadas pelas mudanças que ocorrem nessa fase da vida (como a reforma e os impactos na saúde), é salientada a importância das relações estabelecidas entre a família, entre a sociedade e entre as gerações. Diante da sua nova realidade, a qualidade de vida da pessoa idosa é influenciada pelo apoio que recebe da sua comunidade. A sua funcionalidade depende do seu estilo de vida, assim, do suporte que recebe e das oportunidades disponibilizadas pela sociedade (República Portuguesa, 2024).

Neste Plano o contacto e os programas intergeracionais são diversas vezes mencionados, sendo sinalizados como uma ferramenta proveitosa. Ferramenta esta que pode ser implementada em diversos contextos, assim como tem impacto em várias das áreas principais (República Portuguesa, 2024).

Os programas intergeracionais visam criar espaços de partilha e colaboração entre gerações diferentes, onde todos podem beneficiar da divisão dos conhecimentos e capacidades detidas por cada um dos grupos (Brasileiro et al., 2019).

O objetivo dos programas intergeracionais é desconstruir as crenças provocadoras de afastamento entre gerações, ao mesmo passo que visam demonstrar a competência de ambos os grupos e criar experiências positivas relacionadas ao processo de envelhecimento (Teater, 2016). Diversos resultados positivos têm sido listados como consequentes de programas intergeracionais, como por exemplo: satisfação de necessidades sociais; maior envolvimento comunitário; redução dos níveis de depressão; diminuição de crenças negativas sobre o próprio; estimulação cognitiva; entre outros (para revisão ver Teater, 2016).

Diante do envelhecimento populacional e do problema do isolamento social experienciado pela população sénior, a falta de oportunidades para a criação de relações entre diferentes gerações constitui um agravante para os aspetos negativos deste cenário. O pouco contacto relacional entre a população idosa e a população jovem faz com que a criação e a promoção de crenças erróneas sobre o envelhecimento seja mais recorrente (Drury et al., 2016).

Em meio a outras razões, a separação entre pessoas jovens e idosas é constantemente agravada pela evolução das tecnologias, sendo este tópico considerado como um universo de especialidade das pessoas jovens, o que contrasta com a menor experiência das pessoas idosas na área (Jarrott et al., 2021). Esta realidade faz com que os mais jovens possam desvalorizar as competências das pessoas idosas, ao não as considerarem significativas ou úteis para a sua realidade (Cheng, 2009).

Com o objetivo de reduzir esta disparidade entre gerações, alguns programas intergeracionais têm abordado o tema das novas tecnologias nas suas intervenções (para revisão ver Jarrott et al., 2021). A integração digital constitui uma ferramenta de *network* para as pessoas idosas (Day et al., 2020). Estar conectado socialmente contribui para o combate à solidão e ao isolamento desta população, pois além das relações interpessoais que podem ser estabelecidas nas redes sociais, o acesso à internet permite que os utilizadores estejam a par dos acontecimentos atuais, seja a nível comunitário ou global. Por outro lado, a integração digital apresenta-se como um novo recurso de auxílio à realização das atividades diárias das pessoas idosas (Day et al., 2020), sendo que a tecnologia permite o acesso online a serviços essenciais, como por exemplo cuidados médicos.

Segundo as diretrizes de Ames e Youatt (1994) para a criação de programas intergeracionais, o foco dos projetos não podem ser só momentos de interação recreativa entre grupos. Entende-se que esses indivíduos, tanto os mais envelhecidos como os mais novos, conhecem as suas capacidades e têm a necessidade de ter um papel ativo e contributivo no desenvolvimento da sociedade. É importante desenvolver programas que,

para além de reduzir as paredes entre gerações, sejam fornecedores de competências e formadores de agentes da comunidade. Neste contexto, importa também garantir que as atividades estejam enquadradas nos níveis de desenvolvimento e sejam relevantes para ambos os grupos envolvidos na atividade. [OBJ]

Quanto à finalidade e benefícios das atividades intergeracionais, o autor Karl Pillemer aborda também o conceito de *wisdom-sharing,* ou partilha de sabedoria (Pillemer et al., 2022b). O autor refere-se à "*sabedoria acumulada*" (Pillemer et al., 2022b, p.1) das pessoas idosas, da qual os jovens poderão beneficiar para o seu desenvolvimento individual.

Os mais jovens estão a vivenciar uma fase marcada por mudanças e novidades, na qual decisões que podem direcionar o seu futuro têm de ser tomadas. Enquanto transitam para a vida adulta é evidenciada a necessidade de conhecimentos e capacidades/competências (Pasupathi et al., 2001; Pillemer et al., 2022b). Assim, receber o compartilhamento de experiências de vida mostra-se como uma possibilidade vantajosa e cativante. Por outro lado, o desejo de generatividade, definido como o interesse de contribuição para o bem-estar das gerações futuras, constitui uma das características das pessoas idosas (Chen et al., 2022). Assumir este papel disseminador de conhecimento sobre a vida constitui uma forma de satisfazer este desejo de cooperação para o futuro (Pillemer et al., 2022b).

Desta forma, estas duas realidades podem ser consideradas como "*interesses motivacionais complementares*" (Kessler & Staudinger, 2007, p.691).

1.6. Fatores determinantes para a mudança de atitudes intergrupais

1.6.1 Contacto Intergrupal Positivo

No combate às atitudes e estereótipos negativos, aplicado a outros temas, mas também no âmbito do idadismo, dá-se especial relevância a teoria de Allport (1954) sobre a hipótese do Contacto Intergrupal (cit. por Bousfield & Hutchison, 2010).

Segundo a teoria inicial de Allport, o contacto intergrupal seria amenizador das atitudes estereotípicas se quatro condições fossem asseguradas: estatuto igualitário entre os grupos; definição de objetivos comuns; situações não competitivas; e apoio de entidades oficiais (Allport, 1954; Pettigrew, 1971, cit. por Pettigrew, 1998). Na sua revisão da teoria, Pettigrew adicionou mais uma condição para o contacto intergrupal positivo, enfatizando a importância de situações promotoras de "amizade", isto é, estabelecimento de relações significativas e não curtas/limitadas entre os membros dos diferentes grupos. Os estudos parecem também indicar que o contacto positivo entre grupos não afeta somente estruturas cognitivas, mas é também fomentador de afetos positivos entre grupos (Pettigrew, 1998).

Uma metanálise realizada por Pettigrew e Tropp (2006) indicou que o contacto direto é em si benéfico para a diminuição dos estereótipos. Contudo, as interações que reúnam todas estas características propostas pela teoria de Allport produzem resultados ainda mais positivos (cit. por Bousfield & Hutchison, 2010).

Além das oportunidades de contacto intergrupais, pesquisas têm também ressaltado a qualidade destas interações. Importa não só a frequência do contacto, mas também o significado positivo que é atribuído às situações interativas. Por exemplo, situações que permitam demonstrar a competência das pessoas idosas são mais positivas para a diminuição do idadismo do que a simples convivência (para revisão ver Bousfield & Hutchison, 2010). O mesmo resultado que aponta para a relevância da qualidade das interações foi encontrado na revisão sistemática realizada por Marques e colaboradores (2020), ao passo que a eficácia da quantidade de interações na redução do idadismo é inconclusiva. Os mesmos autores ressaltaram o papel não só de interações com qualidade, como também a importância de representações positivas do grupo etário em questão (Marques et al., 2020).

1.6.2. Criação de laços afetivos

A metanálise realizada por Pettigrew e Tropp (2006) indica a importância do contacto intergrupal para a redução da ansiedade entre grupos, caracterizada pelos sentimentos de insegurança derivados dos contextos sociais. A redução desta tal ansiedade, através do contacto, influenciará também o aumento da familiaridade e laços afetivos entre os grupos, contribuindo assim para a redução da discriminação intergrupal.

1.6.3. Exposição à informação contrária ao Estereótipo

Apesar das consequências negativas provenientes do carácter universal dos estereótipos, estes representam uma função de organização cognitiva para a vivência em sociedade. Sendo assim, estas estruturas são difíceis de alterar (Garcia-Marques & Mackie, 1999).

Um dos métodos que tem sido investigado e aplicado neste contexto, com resultados positivos, é a exposição à informação contrária ao estereótipo, contribuindo para uma visão menos generalista de determinado grupo (Garcia-Marques & Mackie, 1999). Por exemplo, atividades intergeracionais que visem objetivos comuns para a sociedade e que contemplem a exposição a um conjunto diverso de indivíduos de diferentes idades e perfis poderão ser benéficas para o enfraquecimento do estereótipo da inatividade/improdutividade, ideia muito difundida acerca das pessoas idosas.

Conclusão da temática

Em suma, entende-se que o processo de envelhecimento tem sido retratado através de um olhar pessimista, o que afeta o bem-estar da população sénior. O foco está posto sobre as alterações fisiológicas que ocorrem devido ao avanço da idade cronológica, sendo as pessoas idosas caracterizadas muitas vezes como menos saudáveis e menos competentes em comparação com as outras gerações.

O contacto intergeracional é proposto como ferramenta para o combate aos estereótipos idadistas propagados pela visão social, tendo sido apresentados os fatores determinantes para que as intervenções que visam este objetivo sejam eficazes.

1.7. Avaliação de necessidades

Como afirmado anteriormente no âmbito da criação de programas que sejam eficazes, pensar em intervenções intergeracionais implica pensar em questões que sejam igualmente relevantes para os dois grupos etários. Neste contexto, destaca-se o tema do ambientalismo pelo seu carácter urgente devido às alterações climáticas e os seus consequentes efeitos para toda a população. Ainda que o tema do envelhecimento em conjunto com o ambientalismo esteja a ser desenvolvido e já exista alguma pesquisa (e.g., Pillemer et al., 2017; Pillemer et al., 2022a; Salvalaio et al., 2023), a relação entre a idade e o envolvimento pró-ambiental ainda não é clara.

Quanto ao desenvolvimento de programas direcionados à população idosa, que incidam sobre a questão das alterações climáticas, estes são ainda raros e incidem maioritariamente sobre a população dos Estados Unidos (Pillemer et al; 2022a; e.g. RISE - Pillemer, 2017).

No que toca a programas intergeracionais neste contexto, segundo a revisão realizada, a exploração do tema é ainda reduzida. Pode ser citado como exemplo o programa Recycling Mentors, implementado na Carolina do Norte. Este programa intergeracional consistiu na formação de estudantes universitários, provenientes dos cursos de Saúde Comunitária e de Gerontologia, com o objetivo de que estes pudessem executar um programa de educação ambiental direcionado às pessoas idosas (D'Abundo et al., 2011). O programa demonstrou resultados positivos tanto a nível da consciencialização ambiental quanto a nível das relações intergeracionais. Contudo, o papel de contribuição e as competências das pessoas idosas não foram englobadas no programa, exercendo estas um papel passivo enquanto indivíduos que estavam a aprender.

No contexto português, verifica-se uma escassez de programas que tenham como objetivo o envolvimento pró-ambiental da população sénior. Segundo a pesquisa realizada, é possível citar a iniciativa "BioSénior", um programa de educação ambiental direcionado à

pessoas com mais de 55 anos que foi idealizado pela câmara do município de Lousada, uma vila localizada no distrito do Porto (Câmara Municipal de Lousada, s.d.). Contudo, devido a pandemia de covid-19 que teve início em 2020, o programa precisou ser reestruturado, sendo constituído maioritariamente pela entrega de conteúdos didáticos nas casas dos participantes (Sousa, 2020). No âmbito de iniciativas intergeracionais, foi encontrado o projeto "A Educação Ambiental Vai aos Lares da 3ª Idade". O projeto foi realizado pela Câmara municipal de Lagos, em parceria com a Santa Casa da Misericórdia de Lagos, e teve início em 2009. As atividades do projeto, como workshops e oficinas direcionadas às questões ambientais, apresentam também o objetivo de envolver crianças e pessoas jovens em colaboração com as pessoas idosas (Câmara Municipal de Lagos, s.d.).

Objetivos do presente estudo

Dada a insuficiência de iniciativas intergeracionais direcionadas ao ambiente no contexto português, considera-se importante coletar informações junto das populações-alvo, a fim de que sirvam de auxílio para a criação de programas atrativos e eficazes.

Assim, no presente estudo propõe-se a realização de um estudo diagnóstico que permita conhecer as atitudes de ambas as gerações face aos temas propostos: idadismo, intergeracionalidade e envolvimento pró-ambiental no contexto português.

O objetivo final é que os resultados obtidos contribuam para a clarificação dos aspetos que deverão ser tidos em conta no delineamento de programas futuros nesta área.

Foram definidas as seguintes questões de investigação: "Quais são as representações da população idosa e da população jovem face ao ambientalismo e ao envelhecimento?" e "Que fatores devem ser tidos em conta para o desenvolvimento de um programa intergeracional nesta área?".

CAPÍTULO 2

Metodologia

2.1. Design do estudo

De forma a integrar as temáticas do idadismo, da intergeracionalidade e do ambientalismo, este estudo tem como principal objetivo conduzir uma avaliação de necessidades que permita recolher informações junto da população idosa e da população jovem.

Com o objetivo de analisar estes fenómenos no seu contexto real, explorar as diferentes perspetivas subjetivas e descobrir as razões subjacentes aos padrões observados, recorreu-se à investigação qualitativa (para revisão ver Busetto et al., 2020). Assim, a avaliação de necessidades foi realizada através de entrevistas individuais semiestruturadas, com questões que permitiram explorar as temáticas do presente estudo.

2.2. Amostra

A amostra do presente estudo constitui-se como uma amostra de conveniência, composta por um total de 20 participantes. Quanto à população de pessoas idosas, os participantes foram provenientes de um programa de intervenção direcionado à população sénior na zona de Oeiras. Participaram nas entrevistas individuais semiestruturadas dez mulheres, com idades compreendidas entre os 65 e 82 anos, havendo uma exceção em que uma das participantes do programa entrevistada tem 61 anos. Quanto à população de pessoas jovens, buscou-se indivíduos que fossem também pertencentes a movimentos associativos. Participaram nas entrevistas individuais semiestruturadas seis mulheres e quatro homens, com idades compreendidas entre os 19 e 23 anos.

Todos os participantes têm o português como língua materna, e são residentes do distrito de Lisboa (quinze do município de Oeiras, quatro do município de Sintra e um do município de Almada).

Participante	Género	Idade	Zona de residência	Nível de escolaridade	Estatuto laboral
PI1	Feminino	74	Oeiras	Licenciatura	Reformada
PI2	Feminino	71	Oeiras	Ensino secundário	Reformada
PI3	Feminino	75	Oeiras	Licenciatura	Reformada
PI4	Feminino	81	Oeiras	3º Ciclo	Reformada
PI5	Feminino	82	Oeiras	Ensino secundário	Reformada
PI6	Feminino	70	Oeiras	3º Ciclo	Reformada
PI7	Feminino	68	Oeiras	3º Ciclo	Reformada
PI8	Feminino	61	Oeiras	3º Ciclo	Estudante
PI9	Feminino	69	Oeiras	Licenciatura	Reformada
PI10	Feminino	75	Oeiras	Ensino Secundário	Reformada
PJ1	Feminino	21	Oeiras	Ensino Secundário	Estudante
PJ2	Masculino	20	Sintra	Ensino Secundário	Desempregado
PJ3	Masculino	20	Oeiras	Ensino Secundário	Estudante
PJ4	Feminino	19	Oeiras	Ensino Secundário	Estudante
PJ5	Feminino	20	Oeiras	Ensino Secundário	Estudante
PJ6	Feminino	23	Almada	Ensino Secundário	Desempregada
PJ7	Feminino	21	Sintra	Licenciatura	Trabalhadora
PJ8	Masculino	20	Sintra	Ensino Secundário	Estudante
PJ9	Masculino	22	Sintra	3º Ciclo	Estudante
PJ10	Feminino	22	Sintra	Licenciatura	Estudante

Quadro 2.1: Tabela de caracterização da amostra

2.3. Instrumento

As entrevistas individuais semiestruturadas tiveram como base para a sua realização um guião previamente estruturado (Anexo A). O guião englobou os temas base do estudo: envelhecimento, idadismo, envolvimento pró-ambiental e programas intergeracionais.

Após a introdução e recolha das características sociodemográficas, foi solicitado aos participantes que descrevessem, através de um ponto de vista pessoal e social, a pessoa idosa e o significado do processo de envelhecimento.

De seguida, de forma a explorar os estereótipos que têm sido comumente associados à pessoa idosa, os participantes refletiram sobre a integração da população idosa com o restante da sociedade.

Como próximo tópico, foi abordado o envolvimento pró-ambiental. Mais especificamente, os participantes foram questionados sobre o seu nível de conhecimento e participação no contexto do ambientalismo.

Por fim, no âmbito da intergeracionalidade, foi explorado o interesse dos participantes para o envolvimento ativo num programa intergeracional direcionado ao meio ambiente. Foi também explorada a seguinte questão: “Em que idade considera ser mais típica a preocupação com as questões ambientais?”.

2.4. Procedimento

O design do presente estudo foi submetido à Comissão de Ética do ISCTE, tendo sido obtida a aprovação face ao cumprimento dos critérios estabelecidos.

Os participantes provenientes do programa de intervenção em Oeiras foram recrutados na sede do programa. Quanto aos participantes jovens, todos pertencentes a movimentos associativos, estes foram recrutados por via eletrónica, através do email ou da aplicação *WhatsApp*. Em ambos os casos, os participantes receberam as seguintes informações: apresentação do estudo; respetivos objetivos e investigadores responsáveis; tempo estimado da entrevista e aspetos relativos à participação; dados para contacto.

As entrevistas foram realizadas tanto no formato presencial, na sede do programa de intervenção direcionado à população sénior, como no formato online, através da plataforma *Zoom* ou *Microsoft Teams*. Estas duraram, aproximadamente, entre 10 a 40 minutos.

Previamente a realização da entrevista, todos os participantes receberam e assinaram o consentimento informado. Os participantes foram informados que seria efetuado o registo de voz para efeitos de análise dos dados.

Para análise dos dados obtidos, foi escolhido fazer uso da análise temática reflexiva, através do software MAXQDA2022. A análise temática reflexiva, desenvolvida por Braun e Clarke, define-se principalmente como um método teoricamente flexível. Dada esta particularidade, este tipo de análise pode ser utilizada para diversos tipos de questões de investigação que incidam sobre processos e fenómenos sociais e individuais (Braun & Clarke, 2022).

A análise temática reflexiva afirma a subjetividade do investigador e reconhece-o como uma ferramenta no processo analítico, através do seu envolvimento reflexivo com todas as componentes do estudo realizado (Braun & Clarke, 2020). Através da familiarização com os dados e processo de codificação, o investigador desenvolve temas, que são o produto das entrevistas (Braun & Clarke, 2022).

Entrevistas semiestruturadas permitem que os dados obtidos sejam ricos em conteúdo derivado das conversas individuais, em contraste com estruturas rígidas (Braun & Clarke, 2022). No presente estudo a análise reflexiva recorreu a uma abordagem maioritariamente indutiva, sendo a codificação e o desenvolvimento dos temas guiados maioritariamente pelo conteúdo das entrevistas (Braun & Clarke, 2020).

Segundo as referências de processo disponibilizadas pelas autoras do método, a análise dos dados decorreu em seis fases: familiarização com os dados; codificação sistemática; criação de temas iniciais; desenvolvimento e revisão dos temas; definição dos temas finais; e escrita dos resultados (Braun & Clarke, 2020).

O processo de definição dos códigos e dos temas foi realizado em colaboração com a orientadora da investigação, até chegar-se a acordo sobre os temas finais.

2.5. Qualidade de investigação

Segundo as autoras da análise temática reflexiva, existem algumas ferramentas que podem ser úteis para a avaliação da qualidade de investigações qualitativas (Braun & Clarke, 2022). O *Eight "Big-tent"* (Tracy, 2010), constitui um dos exemplos citados pelas autoras.

Este modelo de qualidade, descrito como uma "ferramenta pedagógica", é composto por oito critérios flexíveis e abrangentes: tema válido, rigor rico, sinceridade, credibilidade, ressonância, contribuição significativa, ética, e coerência significativa (Tracy, 2010).

Estes critérios podem ser enquadrados na avaliação da qualidade do presente estudo. A relevância dos temas abordados, os objetivos definidos e os resultados obtidos revelam a validade e a contribuição significativa da investigação, tendo sido considerados os aspetos éticos e a coerência do design do estudo com os objetivos propostos.

No contexto de avaliação de investigações qualitativas, a check-list COREQ - Consolidated criteria for reporting qualitative studies (Tong et al., 2007) também tem sido amplamente utilizada. Podem ser citados alguns dos critérios estabelecidos que poderão ser relevantes para o método de análise utilizado no presente estudo.

Para uma maior clareza sobre a robustez do estudo, foi descrita na metodologia a dimensão da amostra utilizada (item 12), assim como as suas respectivas características. Foi também disponibilizado o guião utilizado para a entrevista (item 17), o que permite avaliar a coerência das perguntas realizadas com os objetivos estabelecidos para o estudo (Tong et al., 2007).

A gravação do áudio das entrevistas (item 19) e a sua respetiva transcrição permite que os dados obtidos para a análise sejam mais precisos e transmitam o conteúdo dito pelos participantes na sua totalidade, em contraste com o uso de notas obtidas pelo entrevistador (Tong et al., 2007).

O processo de revisão dos dados codificados foi realizado por um segundo investigador (item 24), o que permite uma maior variabilidade e complexidade de interpretação dos dados obtidos (Tong et al., 2007).

De forma a ilustrar os conteúdos através dos quais foram criados os temas e demonstrar a sua respetiva validade, os resultados apresentam diversas citações extraídas das transcrições das entrevistas (item 29) (Tong et al., 2007).

Quanto à dimensão da amostra utilizada, segundo afirmado por Braun e Clarke (2022), visto que na análise temática os temas são formados a partir da sua recorrência, é importante que a amostra seja suficiente para justificar a criação de temas que sejam compatíveis com as questões de investigação. Sendo que os temas são um produto da interação reflexiva com os dados obtidos, e tendo em mente a noção de que uma maior interação com os dados provoca a criação de novos temas, a ideia de saturação dos dados torna-se incompatível com este tipo de análise (Braun & Clarke, 2022; Malterud et al., 2016).

CAPÍTULO 3

Resultados

Com o objetivo de dar resposta às questões de investigação definidas: “Quais são as representações da população idosa e da população jovem face ao ambientalismo e ao envelhecimento?” e "Que fatores devem ser tidos em conta para o desenvolvimento de um programa intergeracional nesta área?”, a avaliação de necessidades foi conduzida através de entrevistas individuais semiestruturadas.

De acordo com o método da análise temática reflexiva, os resultados foram representados por temas e respetivos subtemas. Os temas são entendidos como os outputs do processo de análise, sendo definidos como “*padrões de significado ancorados por uma ideia ou conceito partilhados*” (Braun & Clarke, 2022, p.9).

Os temas foram organizados em três mapas temáticos, um mapa para o total dos resultados obtidos e um mapa para cada uma das populações entrevistadas: pessoas idosas e pessoas jovens.

Para cada tema e subtema, os mapas temáticos apresentam o número de citações das entrevistas relacionadas (n), assim como o número de entrevistas em que houve citações relativas ao tema/subtema em questão (e.g., 8 Entrevistas).

Para cada tema, são apresentadas as perspetivas das pessoas idosas e das pessoas jovens, através de uma interpretação comparativa entre as duas populações.

Foram utilizadas citações para exemplificar a validade e a representatividade dos temas. Cada citação surge identificada com o participante entrevistado correspondente. A identificação é constituída pela especificação da população a que pertence: PI para pessoas idosas e PJ para pessoas jovens, e por um número (e.g., PI1).

Em primeiro lugar, são apresentados os resultados referentes à temática do ambientalismo. De seguida, aborda-se a temática do envelhecimento. Por fim, são expostas as perspetivas dos participantes face à participação em um programa intergeracional direcionado ao ambiente.

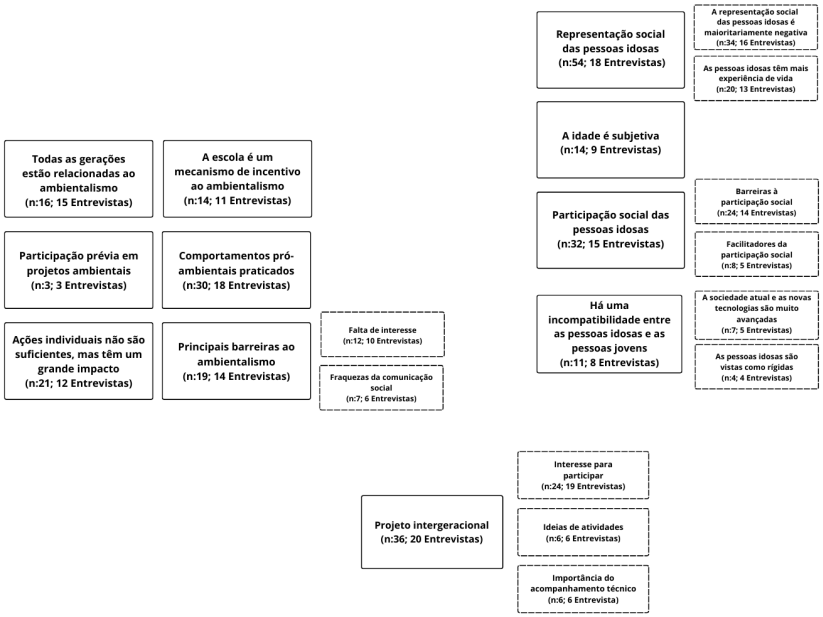

Figura 3.1: Mapa temático referente ao total da população

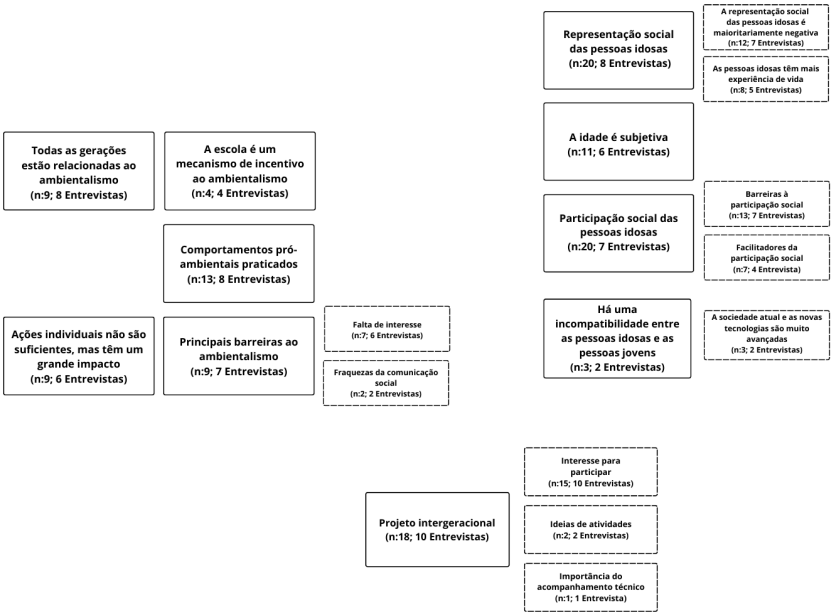

Figura 3.2: Mapa temático referente às pessoas idosas

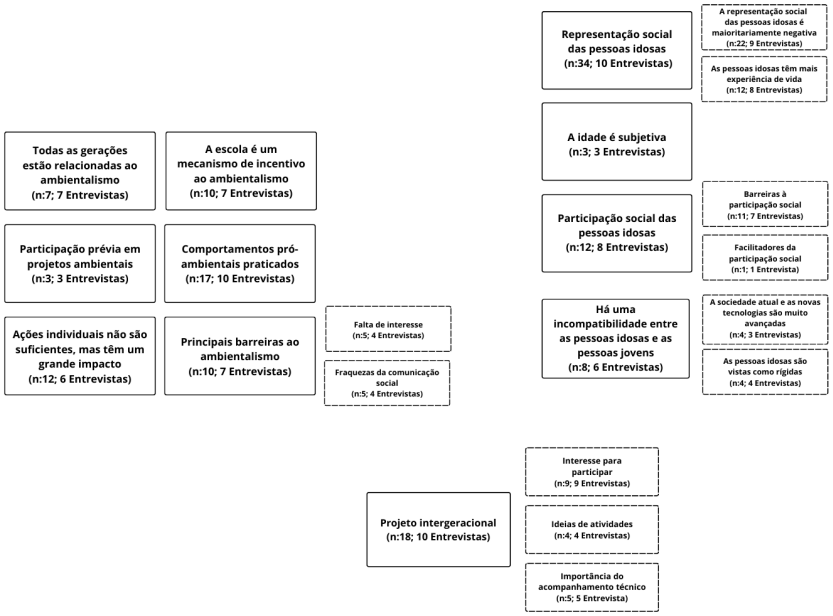

Figura 3.3: Mapa temático referente às pessoas jovens

3.1. Ambientalismo

3.1.1. Todas as gerações estão relacionadas ao ambientalismo

Com o objetivo de explorar a relação entre idade e ambiente, os participantes foram questionados sobre a possível relação entre os dois temas: existe alguma geração que seja mais preocupada com as questões ambientais?

De forma geral, não houve uma resposta consensual quanto à esta questão, sendo possível afirmar que existem pessoas de todas as idades envolvidas com as questões ambientais (n:16; 15 Entrevistas). Esta perspetiva foi apresentada por ambas as populações, sendo nove das 16 citações pertencentes às pessoas idosas (n:9; 8 Entrevistas), e sete afirmadas pelas pessoas jovens (n:7; 7 Entrevistas).

Alguns participantes afirmaram que as pessoas jovens, incluindo crianças, são as mais preocupadas com o ambiente: "*Eu acho que hoje em dia há malta muito nova que já se preocupa bastante, a gente vê nas praias, miúdos pequeninos, até às vezes de quatro, cinco, seis, sete anos, já andam ali a ajudar.*" (PI10); "*A nossa, diria, a nossa, ou seja, a faixa etária, sei lá, dos 15 aos 30, assim uma coisa. Os jovens da atualidade acho que são quem se preocupa mais com isso, diria.*" (PJ5).

Houve um participante que relacionou o cuidado do ambiente às pessoas idosas: "*Eu quando olho para os idosos eu reparo mais que eles têm mais um bocado a preocupação de...*

Por exemplo, normalmente nas aldeias vê-se muitos idosos preocupados com o lixo ou com a mata à sua volta, com a vegetação à sua volta. Hoje quando nós vamos ver a nossa idade, a minha geração, por exemplo, nós somos muito... não é que não liguemos, é… não damos importância. Nós lembramos que as coisas existem e que algumas delas têm que ser feitas ou devem ser feitas, mas optamos por não as fazer." (PJ2), e outro que relacionou este cuidado às pessoas de meia-idade: "*Já há pessoas que têm a sua vida feita e já começam a incutir nos seus filhos, na sua família, esse...Essa preocupação do meio ambiente.*" (PI6).

Outros participantes não fizeram distinção entre as gerações, afirmando que o ambientalismo pode estar relacionado a pessoas de qualquer idade: "*Eu acho que vai de nós, que não há idade para a gente fazer.*" (PI7), ou que é uma preocupação comum às pessoas jovens e as pessoas idosas: "*Eu acho que são pessoas mais da minha idade, se calhar a minha mãe também, que já é a geração acima, mas o meu pai, por exemplo, já é um bocado mais fora desses aspectos. Por outro lado, os meus avós, o avô do lado da mãe sempre foi muito ambientalista, desde sempre, acho que foi, e ele tem 97 anos hoje em dia. Sempre poupou água, sempre fez reciclagem de resíduos, nem sei quando é que foi implementada a ideia da reciclagem, mas eu acho que ele foi das primeiras pessoas a implementá-la. E do lado do pai, os meus avós do lado do pai, antes não faziam reciclagem, mas acho que depois nós os netos começámos a pressionar tanto, que eles agora são super religiosamente recicláveis, e até nos corrigem às vezes a nós próprios, não é aí, é outro sentido. Portanto, os nossos avós até já estão a começar a ter essa preocupação.*" (PJ1)

3.1.2. A escola é um mecanismo de incentivo ao ambientalismo

No âmbito da investigação sobre a relação entre idade e ambientalismo, surgiu diversas vezes a temática do papel escolar para o incentivo do cuidado ambiental (n:14; 11 Entrevistas). Ainda que tenha sido uma visão partilhada por ambas as populações, esta noção sobre a influência das escolas esteve mais presente nas afirmações das pessoas jovens (n:10; 7 Entrevistas). Em contraste com quatro citações em quatro entrevistas das pessoas idosas (n:4; 4 Entrevistas).

A educação ambiental dada nas escolas foi referida como um instrumento de consciencialização. Por exemplo, no caso de uma participante idosa indicava que: "*Olha, especificamente ao longo da minha vida, eu trabalhei com crianças. Eu dei aula, 28 anos, e sempre as minhas atividades foram voltadas para que eu desenvolvesse essa consciência nas crianças. Em primeiro lugar, eu sempre trabalhei com crianças de locais periféricos, de periferia. Com crianças bastante, que vinham de famílias muito desajustadas emocionalmente, financeiramente. Então, eu sempre procurei passar para eles essa consciência do ambiente. Então, eu fui à busca de fazer projetos com eles, tirando da natureza aquilo que pudesse ser trabalhado.*" (PI9), assim como um alerta para a importância das ações

individuais, feito desta vez por dois participantes mais jovens: "E *acho que a imersão que fizeram na escola e que ensinaram acabou por impactar muito aquilo que eu via em casa. Ou a pessoa deita o lixo para o chão, ou alguma coisa assim do género. Acho que para a criança tem mais impacto porque aprende na escola que aquilo é mau e que vai ter impacto no mundo, do que para os adultos.*" (PJ7); "*Acho que as crianças estão constantemente a ouvir isso nas escolas e há muitos incentivos de... Pelo menos no meu tempo, quando estava na secundária e na primária, havia muito incentivo de atividades nas escolas sobre ecologia, sobre cuidados com a água, cuidados ambientais. Então sinto que era a altura em que eu estava mais preocupada com isso.*" (PJ10).

Foi reconhecido que através das escolas a realidade sobre as alterações climáticas pode ser dada a conhecer: "*A escola não ensina tudo como eu disse há bocado, mas ensina alguma coisa e isso já é um início. E antes não se ensinava mesmo nada e isto nem sequer era um tema. Nem se sabia das alterações climáticas, nem se preocupava com isso.*" (PJ3).

3.1.3. Participação prévia em projetos ambientais

Os participantes foram questionados sobre o envolvimento prévio em projetos de cariz ambiental, tendo sido considerados apenas os projetos/programas/iniciativas em que o objetivo principal fosse o ambientalismo. Participações em projetos ambientais a nível escolar foram englobadas no tema abordado anteriormente.

Dos 20 participantes entrevistados, apenas três afirmaram ter participado em projetos ambientais (n:3; 3 entrevistas). Todos estes três participantes eram pertencentes à amostra de pessoas jovens.

"*O que nós fazemos em Oeiras é o Jovens em Movimento, por exemplo, que é um projeto para jovens, não é voluntariado porque nós recebemos um pequeno ordenado, mas é muito de sensibilidade ambiental, nós vamos, por exemplo, para jardins ou para praias e fazemos a limpeza dos sítios e depois reciclagem dos resíduos, nomeadamente de beatas, que é um dos grandes focos que ultimamente tem vindo a ser um dos focos da campanha, recolher as beatas, colocar num recipiente e ter as beatas sempre connosco para mostrar às pessoas a quantidade de beatas que existe e o que é que nós temos para evitar esse tipo de disseminação de resíduos, porque as beatas nem são recicláveis e até contaminam, então é um pouco mais de sensibilização ambiental nesse aspecto.*" (PJ1).

"*Já participei em serviços, portanto, serviço comunitário de limpeza e tudo, que contribuiu um bocadinho. Mas também, na área, eu tive pertencente a um projeto que era para medir a qualidade do ar e assim, que servia um bocado também para … as pessoas. Ou, por exemplo, numa área ali ao pé dos autocarros, medir um bocado a qualidade do ar e comparar com outros sítios mais limpos e perceber o impacto que isso tinha. E, isso era o*

intuito do projeto, mas depois eu saí, tive dois anos no projeto e depois saí, não acabei o projeto, mas estive envolvido." (PJ3).

"*Também já replantei árvores na Romênia, tive lá um ano também. Acho que no momento não estou a participar em nada, mas já participei.*" (PJ4).

3.1.4. Comportamentos pró-ambientais praticados

Durante as entrevistas foram feitas perguntas com o objetivo de perceber o impacto da preocupação ambiental no quotidiano dos participantes, mais especificamente no que toca às ações práticas realizadas no dia a dia.

Foram citados diversos comportamentos, como: reciclagem, reutilização de recursos, diminuição do consumo de água e carne, entre outros (n:30; 18 Entrevistas). A regularidade com que os comportamentos pró-ambientais estão presentes no quotidiano dos participantes entrevistados demonstra que a preocupação ambiental afeta ambas as gerações.

Das 30 citações codificadas, 17 foram provenientes da população jovem (n:17; 10 Entrevistas), podendo ser citados os seguintes exemplos: "*Eu tento não comprar muita roupa, até porque eu acho que se nós nos focarmos muito em consumir roupa todos, por exemplo, tenho pessoas mais próximas que se calhar estão capazes de comprar todos os meses alguma peça de roupa e depois ou deitam no lixo ou vendem, mas muito frequentemente é deitar no lixo e acho que isso depois acaba por ser um desperdício.*" (PJ1); "*Eu sou fumador, eu tinha muito, no início eu tinha muito a mania de mandar as beatas para o chão, agora já não faço isso, mando para o lixo.*" (PJ2); "*Por exemplo, a questão do lixo para o chão e a preocupação com a reciclagem. Eu me preocupo bastante com a reciclagem, no caso, para evitar que o lixo vá também para o mar, não mando lixo para o chão. Então, pronto, esse tipo de coisas que são muito básicas, mas evitam que animais no oceano morram por causa disso.*" (PJ8).

As restantes 13 foram referidas pelas pessoas idosas (n:13; 8 Entrevistas): "*Eu não deito lixo… eu faço a separação do lixo, eu não deito comida fora, eu não compro muita comida para não estragar, eu tento não poluir.*" (PI10); "*Eu vou sair daqui, vou até a junta de freguesia, porque me falaram que tem como a gente reciclar os materiais orgânicos para compostagem. E que eles fornecem o saquinho e tal. E eu como sou vegetariana, então eu acabo consumindo muito legumes, verduras e tal. Então, eu estou sempre procurando estar a par daquilo que possa favorecer minimamente o meu entorno, onde eu vivo.*" (PI9); "*Tenho muito mais cuidado com a água, por exemplo. Preocupa-me imenso ver e eu tenho muito cuidado de não ter as torneiras abertas como tinha, mesmo quando tomo banho, mas isso já faço há imenso tempo. E a luz é uma das coisas que eu também, se não há necessidade, não se acende, aliás, eu tenho fichas mesmo para a televisão, desligo, porque acho que não havendo necessidade. Tem a ver com o consumo, é um consumo. Tenho cuidado com a*

comida, faz-me imensa confusão ver pessoas que deitam imensa comida fora. Tento fazer pouco de maneira que não jogue fora." (PI8).

3.1.5. Ações individuais não são suficientes, mas têm um grande impacto

O papel das ações individuais foi amplamente destacado pelos seus níveis de influência no que toca ao ambiente e às alterações climáticas (n:21; 12 Entrevistas). Tanto as pessoas jovens (n:12; 6 Entrevistas) como as pessoas idosas (n:9; 6 Entrevistas) afirmaram a relevância destas ações.

Foi reconhecida a responsabilidade individual pelo desgaste ambiental: "*Bom, eu acho que nós colhemos aquilo que plantamos, não é? Eu acho que isso é algo assim, um processo natural que está a acontecer, né? Eu acho que a natureza, todo esse problema climático está a acontecer pelo fato da humanidade, do ser humano, não respeitar a terra que vive, não limitar a sua atuação, e isso é individual, em relação à terra mesmo. Então, nós usamos carros, nós usamos os combustíveis fósseis, que é um dos maiores problemas que causam essas variações climáticas. Então, nós não restringimos, o homem, na sua ganância, ele não consegue perceber que ele está destruindo a casa que ele mora, que lhe dá guarida.*" (PI9); "*Continuamos, eu vejo isso constantemente, continuamos a não fazer a separação do lixo, continuamos a gastar imensas coisas que se calhar não precisávamos. Mas acima de tudo tem a ver com o nosso consumismo, que todos, não sei como é que todos começámos, se calhar também a informação que a gente recebe constantemente, e há coisas novas, e há isto, e há aquilo, e é bom ter isto, e é bom ter aquilo, e criamos muito facilmente naquela, quase que sem nos apercebermos, de consumirmos, e vamos sempre comprando mais, e comprando mais, e comprando mais, que depois não utilizamos, que acaba por ficar lá em casa, não se utiliza, então de vez em quando lembramos, damos uma volta e jogamos fora, nem tão pouco damos, porque havia coisas que ainda tinham muita utilidade. Isso é outra coisa que eu acho que, as pessoas estão pouco esclarecidas sobre isso, eu vejo isso na minha rua, põem imensas coisas na rua, que dava para imensa gente, mesmo a nível de móveis, a nível da roupa, que há imensa gente que isso dava jeito, e depois compram-se coisas mais novas, pomos ali e depois vamos comprar mais. Tem muito a ver com o espírito de consumismo que todos temos, está enraizado, isso é uma coisa terrível.*" (PI8).

Os participantes ressaltaram que as ações individuais não são insignificantes, e que produzem efeitos no ambiente: "*É uma coisa real, é uma coisa grave e importante nós mudarmos coisas na nossa vida para que possamos mudar isso. E tentar atrasar, já que não conseguimos acabar, fazer com que nunca venha, mas pelo menos atrasar um pouco as mudanças climáticas o máximo que conseguimos.*" (PJ4); "*Continuam a poluir muito, a achar que o papelinho no chão não vai fazer diferença porque é só um. Vai fazer diferença e faz realmente diferença, e isso nota-se nas calotas polares e em muitos outros sítios.*" (PJ5).

Ainda que tenha sido afirmada a insuficiência destas ações, visto a dimensão da problemática ambiental: "*É impossível nós não usarmos um carro hoje, ou não usarmos transportes que emitem esse tipo de gases. A nossa vida está tão acostumada, ou está tão à volta disso, que é impossível fugir. Mesmo que andemos de transportes públicos, esses transportes públicos mandam gases nocivos para a atmosfera. Então, acho que é preciso haver uma intervenção, se calhar maior, da parte dos governos. Acredito.*" (PJ8), a par da exigência de mudanças a nível governamental e dos grandes líderes, a importância do comportamento pessoal não foi negada: "*Eu acho que sim, nas coisas pequeninas que nós podemos mudar na nossa vida, não é? Mas acho que aquilo que se tem mesmo que fazer para alterar o que está a acontecer não vem de nós, pessoas pequenas, que não temos poder nenhum, vem dos políticos, vem das pessoas com empresas grandes, empresas petrolíferas e essas coisas todas. Claro que nós podemos mudar coisas pequenas na nossa vida, principalmente o consumo destas coisas que fazem mal, porque quanto menos consumirmos, menos vai ser preciso produzir, mas pronto, eu tento fazer o máximo que consigo, mas acho que tem que vir um bocadinho mais das pessoas que têm mais poder.*" (PJ4).

3.1.6. Principais barreiras ao ambientalismo

Falta de interesse

A falta de interesse (n:12; 10 Entrevistas) foi apontada por ambas as faixas etárias como o principal obstáculo para o ambientalismo. Em seis entrevistas das pessoas idosas, foram codificadas sete citações sobre este tópico (n:7; 6 Entrevistas). No caso das pessoas jovens foram encontradas cinco citações em quatro entrevistas (n:5; 4 Entrevistas).

Os participantes afirmaram que o reconhecimento da problemática proveniente das alterações climáticas está dependente do valor que o indivíduo dá às informações recebidas, sendo que muitas das vezes não existe o interesse para deixar a "zona de conforto" pessoal em busca do cuidado ambiental: "*Eu não acho que o ser humano também queira ver. Acho que mesmo aquilo que é mostrado não é visto ou dado o valor que aquilo tem. Então, acaba perdendo em si a finalidade, muitas vezes. Porque nós, humanos, não queremos sair da nossa zona de conforto. Eu não deixo de usar o meu carro para ir até a padaria, porque está chovendo ou não sei o quê. Então, realmente, todo mundo sabe, mas não põe em prática. Eu não limito o uso de plástico, eu não limito o uso de produtos que degradam. Ou não vou à praia e tenho a consciência de que não devo deixar nada além ali né, que possa degradar o ambiente.*" (PI9); "*Só que depois eu acho que parte mais da interpretação de cada um em relação ao facto ou até porque cientificamente não percebem muito o que é que está a acontecer e então acham que é tudo uma farsa, que nos estão a mentir, ou então pensam que as tarefas, por exemplo, reciclagem e tudo mais não deve ser feita por nós, mas deve ser*

feita por outras entidades e que nós não devemos nos preocupar com isso, mas há sempre as pessoas que não acreditam de todo e que depois não fazem ações para contrariar. Acho que todos têm a capacidade de saber o que é que são, só às vezes escolhem não acreditar ou não tomar ações com isso." (PJ1).

Os participantes consideram que a aceitação desta realidade está dependente do interesse e esforço individual: "*A informação até é passada, mas nós olhamos muito para o nosso umbigo, e esquecemo-nos de olhar ao redor, e acho que tem muito a ver com isso.*" (PI8); "*No geral, a esta altura do campeonato, acredito que a grande maioria sim. E quem não tem é porque também não está interessado em buscar informações sobre o assunto, porque acredito que temos sido bastante, prontos, tem sido um tema bastante falado na atualidade.*" (PJ7).

Fraquezas da comunicação social

O tipo de informação passada nos canais de comunicação social foi também apontado por alguns participantes como um impedimento para o envolvimento ambiental (n:7; 6 Entrevistas), principalmente pelas pessoas jovens (n:5; 4 Entrevistas). Apenas duas pessoas idosas referiram as fraquezas da comunicação social (n:2; 2 Entrevistas).

Segundo afirmado pelos participantes, a quantidade de informação transmitida é insuficiente: "*Então, eu acho que realmente, mesmo havendo campanhas, eu acho que não existe o tanto quanto deveria haver, eu acredito. Mas tem que ser campanhas bastante diretas e massacrantes, vamos dizer assim. Sabe aquele soco no estômago que a gente precisa receber?*" (PI9).

Além disso, foi também apontada a falta qualidade da informação passada. Foram considerados tópicos como a baixa aplicabilidade daquilo que é transmitido: "*As notícias passar conhecimento, passam, só que não é informação suficiente, informação concreta, ou seja, nós vamos ver as notícias e é tudo muito abrangente, não é específico, não sei se me faço entender o que quero dizer.*" (PJ2), e a carência de supervisão e controlo sobre a veracidade dos conteúdos: "*Não, de todo, de todo. Portanto, para uma pessoa ter uma decisão perante isso tem que estudar por si própria, não é? Na escola não ensinam o suficiente, de certeza. E, portanto, há imensa informação errada e mitos e mitos, pronto, fake news ou outro tipo de informação errada que se espalha, rumores e assim, que não é certo de todo e não há um meio que desminta isso ou informe a população de maneira adequada.*" (PJ3), e a ausência de atratividade: "*É a maneira como se aborda estes temas nos media, principalmente nas notícias e assim, nos telejornais. Acho que se aborda de uma maneira que faz com que as pessoas não queiram ouvir ou não queiram saber, depois pronto.*" (PJ4).

3.2. Envelhecimento

3.2.1. Representação social das pessoas idosas

No âmbito da caracterização do envelhecimento enquanto fenómeno mais global, foi destacado um padrão de perspetivas apresentadas pelos entrevistados que apontam para uma noção dualista do envelhecimento (n:54; 18 Entrevistas). Desta visão dualista decorreram os dois seguintes subtemas.

A representação social das pessoas idosas é maioritariamente negativa

No que toca à forma como a sociedade no geral perceciona o processo de envelhecimento e as pessoas idosas, existe o entendimento de que esta representação é maioritariamente negativa (n:34; 16 Entrevistas). Ainda que esta visão também tenha sido referida pelas pessoas idosas (n:12; 7 Entrevistas), salienta-se o maior número de citações codificadas nas entrevistas das pessoas jovens (n:22; 9 Entrevistas).

A fase da vida em que as pessoas idosas encontram-se é descrita como um período de declínio, no qual não há muitos objetivos de vida a serem realizados: "*E os idosos, portanto, já estão mais na fase do declínio, no meu caso.*" (PI4); "*Pronto. Se calhar há pessoas que a idade, para essas pessoas, já são cotas, já não prestam. Já viveram o que tinham a viver.*" (PI2).

As pessoas idosas estão relacionadas à ideia de dependência de terceiros: "*Para mim, uma pessoa idosa, para mim, é uma pessoa que precisa de acompanhamentos, por exemplo, que tem, muitas das vezes, que não tem família, e então, tem que se tentar arranjar local.*" (PI6); "*Acredito que haja muitos idosos que necessitem de ter um acompanhante, por exemplo, para fazer as suas compras, para ir a qualquer sítio. Há muitas pessoas que precisam dessa ajuda e que não conseguem fazer sozinhas.*" (PJ1); "*Acho que a sociedade, em geral, olha muito para as pessoas idosas como um peso. Tipo, já passou o tempo deles, não estão aqui a fazer nada, só estão a sobreviver até morrerem. Então são só um peso, são pessoas que já precisam que os filhos tomem conta delas ou que precisam de ir para um lar, precisam que pessoas tomem conta deles. Então acho que a sociedade olha mais como um peso, mais como alguém que já não consegue cuidar de si próprio, alguém que já não tem capacidade para estar sozinho, para viver sozinho.*" (PJ9).

Esta população é retratada como consumidora dos recursos da sociedade: "*No geral, pouco úteis. Porque a sociedade hoje em dia é muito... Quanto é que, quão útil és para a sociedade? Ou seja, como indivíduo. Como criança, tens que ser treinada ainda para ser alguém. Como jovem, tens que trabalhar. Como adulto, tens que cuidar e trabalhar. E como idoso, já não consegues dar muito. Estás mais a receber do que as outras faixas etárias estão a dar.*" (PJ10); "*Que já não servem de muito e que… sobre as sociedades, já não servem de*

muito, olha que enchem hospitais, porque é uma sociedade em que é muito envelhecida e que necessita de bastantes cuidados de saúde e que não consegue ter tanto acesso a eles porque são demasiados para aquilo que nós temos a nível de médicos e tudo mais." (PJ7).

Como consequência surge a ideia de que as pessoas idosas são improdutivas e, portanto, o seu cuidado representa um peso para a sociedade: "*Mas acaba por ser um bocado um fardo para algumas pessoas, porque é uma pessoa que precisa de ajuda e apoio social e emocional e tudo.*" (PJ3); "*Eu acho que infelizmente a gente vê as pessoas idosas como... já não são grande... Como é que eu ei de dizer? Que já não contribuem para a sociedade. Às vezes até veem o idoso como um empecilho.*" (PI8).

A diminuição das capacidades, sejam físicas ou cognitivas, e o declínio da saúde constituíram as temáticas mais citadas: "*Às vezes eu acredito que seja um bocado frustrante envelhecer e perder, por exemplo, a capacidade de andar ou correr. Às vezes eu passo por pessoas mais idosas a andar comigo, ao pé de mim na rua, e eu percebo a dificuldade que elas têm a andar, por exemplo. Ou às vezes já não têm a memória que os mais novos têm. Acho que vejo mais o envelhecimento como perder algumas capacidades que se calhar hoje em dia dou como que adquiridas.*" (PJ1); "*Isso, a saúde, penso que a vitalidade está um bocadinho relacionada com a saúde e a saúde, os mais velhos começam a sofrer, a precisar até de uma bengala porque a coluna… porque eu caio imensas vezes.*" (PI3).

O envelhecimento foi associado à uma dificuldade para a vivência do quotidiano: "*Uma pessoa de uma faixa etária, vamos dizer, entre os 60 e os 60 para cima, que já não tem muitas capacidades, não tem capacidade de fazer tantas coisas, já tem dificuldades, se calhar, de descer escadas, ir à rua, fazer coisas que nós consideramos do nosso dia a dia.*" (PJ2).

Foi também afirmado o papel biológico, sendo a perda de capacidades definida como um processo natural: "S*e calhar um bocadinho a degradação das capacidades físicas é a primeira coisa que eu pensaria, pronto, porque é uma coisa um bocado fisiológica e acontece naturalmente.*" (PJ5).

As pessoas idosas têm mais experiência de vida

Por outro lado, identificou-se também uma característica com um teor positivo, sendo afirmada a ideia do envelhecimento como um processo de aquisição de mais sabedoria e experiência de vida (n:20; 13 Entrevistas). Ainda que tenha sido uma ideia partilhada pela generalidade dos participantes, esta característica foi mais identificada pelas pessoas jovens.

12 destas citações (n: 12; 8 Entrevistas) foram referidas pelas pessoas jovens: "*Acho que vejo mais o envelhecimento como perder algumas capacidades que se calhar hoje em dia dou como que adquiridas, mas também acredito que se vai ganhar muita coisa com o envelhecimento. Muita experiência, muitas histórias de vida.*" (PJ1); "*Porque eu acho que muitas vezes as pessoas quando pensam no envelhecimento não é só a perda da capacidade*

de fazer certas coisas, mas sim, pá, talvez se calhar ficamos um bocadinho mais sábios ao envelhecer, porque já temos mais experiências, há uma acumulação de experiências maiores…" (PJ2)

A fase do envelhecimento foi associada ao "pico do conhecimento": "*Sim, portanto, eu acho que o atingir a idade idosa, portanto, pressupõe também o pico do nosso conhecimento, não é da vida, mas das experiências de vida. Portanto, o ser idoso pressupõe um bocado já ter vivido a vida jovem, portanto, estar a aprender, o processo de aprendizagem, assim, é um bocado uma estagnação desse processo, diria.*" (PJ3).

Em consequência, foi também afirmado o potencial que as pessoas idosas têm para partilhar o seu conhecimento com outras pessoas: "*Que são pessoas que já viveram mais que nós e temos muito a aprender com elas.*" (PJ3).

As restantes oito citações (n:8; 5 Entrevistas) pertencem às pessoas idosas: "*Porque há pessoas idosas que têm uma experiência de vida que era bom que a divulgassem, que pessoas a ouvissem. Porque a gente aprende com idosos, aprendemos coisas que nem nos passa pela cabeça. A experiência que as pessoas têm. A nível da experiência, as pessoas têm experiências maravilhosas.*" (PI8);

Foi dito que, independente da formação académica, os anos de vida acumulam experiência: "*É uma pessoa com muito conhecimento. É uma pessoa que nos ensina com a sua sabedoria, seja ela qual for, independente de qualquer escolaridade que tenha, que para mim o idoso representa isso.*" (PI9).

Assim como afirmado pelas pessoas jovens, considera-se que esta geração tem algo para ensinar às outras: "*E as pessoas idosas muitas vezes têm muito mais experiência que os jovens, têm mais experiência e são capazes de fazer coisas que os jovens não fazem*." (PI5).

3.2.2. A idade é subjetiva

No decorrer das entrevistas foi identificado um padrão de respostas que definiu a idade como um conceito subjetivo (n: 14; 9 Entrevistas). Contudo, é importante ressaltar que este padrão foi formado maioritariamente pelas afirmações das pessoas idosas (n:11; 6 Entrevistas).

"*Eu acho que um idoso é uma pessoa que tem determinada idade, mas que não aparenta nem sente que a tem. E uma pessoa velha é o contrário, sente que está velha, que muitas vezes é o meu caso, mas que tem menos idade. Isso é o meu conceito de velhice.*" (PI10).

Segundo afirmado pelos participantes, a avaliação do significado do envelhecimento e a vivência desta fase da vida está dependente de uma condição psicológica: "*E a cabeça também. Pode ter uma cabeça... Pode ter idade e ter uma cabeça fresca e saudável. Pode ter 65 e estar cheia de problemas, de doenças. Nós às vezes é que criamos também as*

nossas depressões. Depende da maneira como a gente tenta envelhecer. E o que é que procuramos fazer para envelhecer melhor." (PI7);

Esta condição psicológica é responsável por definir as habilidades ou limitações que guiam o quotidiano da pessoa idosa: "*O ser idoso está na cabeça das pessoas. Há muitas pessoas que dizem, ah, eu sou muito idosa, eu não posso fazer isto, não posso fazer aquilo. Eu acho que nós podemos fazer tudo o que quisermos. Tudo o que quisermos. E ser idoso não existe. Para mim não existe, porque eu faço, só se eu não puder. Só se não puder fazer, é que não faço. Agora, tudo o que eu puder fazer, eu faço. Tudo o que eu puder fazer.*" (PI5).

Em número mais reduzido, as pessoas jovens também manifestaram opiniões coerentes com esta ideia de subjetividade mental da idade (n:3; 3 Entrevistas): "*Claro que depois há idosos, podem ter uma mente muito jovem ou uma mente muito mais envelhecida.*" (PJ5); "*Mas também depende das pessoas. Porque há pessoas que se calhar são mais idosas de espírito, mas não têm a idade para serem idosas ou então o contrário.*" (PJ1).

3.2.3. Participação social das pessoas idosas

No âmbito da participação social das pessoas idosas, os participantes foram questionados sobre aspetos como as oportunidades de participação disponíveis e a integração das pessoas idosas no quotidiano da sociedade (n:32; 15 Entrevistas). Foram identificados dois subtemas: Facilitadores da participação social e Barreiras à participação social.

Facilitadores da participação social

Os facilitadores desta participação foram identificados, quase na sua totalidade, pelas pessoas idosas (n:7; 4 Entrevistas). Apenas uma citação sobre este tópico foi codificada nas entrevistas das pessoas jovens (n:1; 1 Entrevista).

Em comparação com épocas passadas, identificou-se uma melhoria na forma de integração das pessoas idosas: "*Eu acho que hoje em dia as pessoas idosas são muito bem vistas. Acho que são muito mais acompanhadas do que eram dantes.*" (PI10).

Foram citadas as iniciativas de participação social destinadas à esta população, sendo reconhecido o crescimento e a maior visibilidade destes programas: "*Há organizações hoje, desde universidades séniores, ou outras organizações de entidades, outras, que chamam e estão atentos para essa possibilidade das pessoas não terem atividades, séniores não terem atividade.*" (PI3).

Além disso, ressaltou-se também o papel do próprio indivíduo para a promoção do envelhecimento ativo: "*Acho que o processo de envelhecimento tem a ver com aquilo que nós fomos na vida. O que é que comemos, o que é que bebemos, o que é que fizemos na vida. E também teremos uma evolução de envelhecimento consoante aquilo que nós fizemos.*" (PI7); "*Geralmente pode acontecer em estado mais acima, a pessoa vai perdendo algumas*

competências, mas há pessoas que conseguem manter elas, com exercício físico e afins." (PJ6).

Barreiras à participação social

Quanto às barreiras à participação social, foram codificadas 24 citações em 14 entrevistas, constituindo uma perspetiva mais partilhada por ambas as gerações: 13 destas barreiras foram referidas pelas pessoas idosas (n:13; 7 Entrevistas) e 11 pelas pessoas jovens (n:11; 7 Entrevistas).

Os participantes afirmaram que as pessoas idosas encontram-se isoladas ou abandonadas, a experienciar solidão: "*Não, eu acho que a maioria, não sei, não a maioria eu não posso me referir dessa forma, mas há uma grande parcela da população idosa ainda carente de auxílio, de ter quem olhe por eles, então eu acho que isso leva muito à solidão.*" (PI9); "*A visão que eu tenho é que abandonam muitos idosos, mesmo os próprios familiares. Filhos, netos.*" (PI4); "*Porque as pessoas da minha idade solitárias sofrem muito. Sofrem muito. O isolamento é destrutivo.*" (PI3); "*Acho que estão um bocado à parte. Claro que depende do sítio, há sempre pessoas que estão em lares e assim, que acabam por integrar um bocadinho mais as pessoas, mas acho que há muitas pessoas idosas que estão muito à parte na sociedade e realmente sozinhas.*" (PJ4).

Foram listadas algumas barreiras para a participação social desta população, como a insuficiência de iniciativas governamentais e comunitárias: "*E felizmente o nosso país está a despertar para essas pessoas e está a solicitá-las para uma nova aprendizagem que lhes vai fazer muito bem e vai ter provavelmente ou professores mais velhos ou professores mais novos e isso é muito bom porque o país está atento, só que é muito pouco, tudo o que se faz ainda é pouco.*" (PI3); "*Eu acho que depende muito do nível social. Infelizmente, aquele idoso com menos condições financeiras, eles vivem muito mais à margem da vida. Então eu acho que faltam políticas governamentais para que se tenha um olhar diferenciado para ver essas necessidades e tentar minimamente supri-las, mas eu acho que falta muito ainda.*" (PI9); "*Há organizações e movimentos para isso acontecer, mas não está nem perto do que é o ideal. Podia haver muito mais investimento no que é o fim da vida e o acompanhamento dessa fase da vida. É um bocado, pronto, acabamos de trabalhar e deixamos assim um bocado, olha, já tens uma vida feita, os teus amigos feitos e aproveita a vida. Mas, pronto, depois é difícil.*" (PJ3).

Foi também apontada a ideia de que os lares funcionam como um escape ao cuidado desta população: "*Há aquelas pessoas que são amandadas um bocadinho para os lares e pronto, e fica para aí e orienta-te.*" (PI10); "*Realmente sinto que cada vez mais as pessoas querem mandar os pais ou os avós para lares, para conseguirem também criar esse*

distanciamento, para não terem que se preocupar. Ele está lá no lar, está bem, não tenho que me preocupar com ele." (PJ9).

Por outro lado, em contraste com as perspetivas acima referidas, alguns participantes acreditam que falta nas próprias pessoas idosas o esforço para integrarem-se mais na comunidade: "*As pessoas às vezes também se isolam demais. Não aceitam muitas vezes que serem tão sozinhas porque às vezes é o que elas escolhem*." (PI7); "*Porque há muitas oportunidades, mas as pessoas em si acho que não querem. Não querem."* (PI6); *"Outros é que se vão deixando ficar e preferem ficar em casa ou se é mais cómodo, já não têm idade para isso. Apesar de ser uma boa oportunidade para eles exercitarem outras funcionalidades, não ficarem parados em casa.*" (PJ1).

3.2.4. Há uma incompatibilidade entre as pessoas idosas e as pessoas jovens

No decorrer das entrevistas, as perspetivas apresentadas no âmbito da integração social das pessoas idosas e dos relacionamentos intergeracionais apontam para a existência de uma incompatibilidade entre o modo de viver das duas gerações em questão (n:11; 8 Entrevistas). As características da sociedade moderna, em conjunto com o avanço das tecnologias, foram definidas como as causadoras desta falta de compatibilidade.

A sociedade atual e as novas tecnologias são muito avançadas

A rapidez do mundo atual, descrita como a grande velocidade dos avanços sociais e da modernização, assim como o ritmo acelerado em que o quotidiano é vivido, foi descrita como um obstáculo para que as pessoas idosas mantenham relacionamentos com as pessoas jovens (n:7; 5 Entrevistas). Esta noção foi mencionada por membros de ambas as faixas etárias entrevistadas: Pessoas jovens (n:4; 3 Entrevistas); Pessoas idosas (n:3; 2 Entrevistas).

"*Vivemos a correr e os idosos já são mais slow down, já correram há muitos anos atrás e agora chega uma fase que não dá para acompanhar.*" (PJ7); "*Se estão em cidades grandes, é porque há demasiada euforia na cidade. Coisas muito rápidas a acontecer e eles acabam também por ser deixados um pouco de lado então…não sei.*" (PJ10).

Segundo afirmado por um dos participantes jovens, o avanço da sociedade causa uma desidentificação entre as gerações: "*E acho que as pessoas acabam por deixar de se identificar com os pais, com os avós, com as pessoas mais velhas, e ao deixares de te identificares como eu sou também, acabas por te distanciar mais em termos de relacionamento. E acho que é por isso que acontece mais. Muitas vezes acho que não é intencional, não é não me quero dar mais com a minha avó, com o meu avô, com o meu pai, com a minha mãe. É simplesmente um distanciamento que acontece por causa da evolução da sociedade*." (PJ9).

As novas tecnologias foram reconhecidas como parte integrante desta modernidade que causa um distanciamento entre as pessoas idosas e as pessoas jovens: "*Eu acho que o mundo está cada vez a avançar mais depressa, as ideologias estão cada vez a mudar mais, a tecnologia está a avançar cada vez mais depressa, e isto são tudo questões em que as pessoas mais velhas não conseguem acompanhar ao mesmo ritmo que nós*." (PJ9); "*Eu acho que hoje em dia os computadores não ajudam nada porque as pessoas, os miúdos isolam-se muito nos seus próprios quartos.*" (PI10); "*A maneira de pensar... É que estamos... No meu tempo, eu não tive informática. E isso é uma décalage enorme. Enorme, enorme. Portanto, hoje eu entro num autocarro, entro no comboio, só funciono com transportes públicos, e vejo toda a gente... é verdade que os velhos também começam a ficar ligados aos telemóveis e à informática, mas, sobretudo, os jovens que trabalham com os telemóveis com muita agilidade, coisa que no meu caso não acontece.*" (PI3).

As pessoas idosas são vistas como rígidas

As quatro codificações deste subtema foram todas provenientes das entrevistas feitas a pessoas jovens (n:4; 4 Entrevistas).

Foi manifestada a ideia de que as pessoas idosas são vistas como retrógradas e por isso não estão abertas a modernização: "E *depois acontece também pensarem muito nos idosos como as pessoas retrógradas, as pessoas que não conseguiram evoluir no seu tempo, que são contra as novas coisas da modernização, digamos assim.*" (PJ5).

Segundo afirmado pelas pessoas jovens, a juventude tem maior disponibilidade para aprender coisas novas: "Acho que estamos mais abertos a aprender enquanto somos mais jovens". (PJ10). Em contraste, as pessoas idosas são caracterizadas por apresentar uma mentalidade mais rígida: "*E é muito mais complicado mudar ideias de pessoas que já viveram a sua vida toda, também, do que de pessoas que estão no processo de aprendizagem.*" (PJ3); "*Porque, inevitavelmente, claro que há muita gente mais velha que decide isolar-se muito na sua... naquilo que foi a sua vida, naquilo que acha que é certo e depois tudo o que vai além do que a pessoa viveu…ainda por cima os mais velhos têm mais dificuldade a aprender, a criar outras... ter outro tipo de vida. Então, acho que vai ser sempre um caminho difícil dos dois lados. Tanto dos mais novos como dos mais velhos para com os mais novos. Então... é difícil, mas acho que é o alvo.*" (PJ8).

3.3. Projeto intergeracional

Na parte final das entrevistas, os participantes foram questionados sobre o seu interesse para a eventual participação em um projeto intergeracional direcionado ao meio ambiente (n:36; 20

Entrevistas). Foram identificados três subtemas: Interesse para participar, Ideias para o projeto e Importância do acompanhamento técnico.

3.3.1. Interesse para participar

De forma geral, os participantes de ambas as gerações demonstraram interesse em participar ou consideraram a ideia interessante: Pessoas jovens (n:9; 9 Entrevistas); Pessoas idosas (n:15; 10 Entrevistas).

A maior parte das respostas sobre o tema não foram muito desenvolvidas. Ainda assim, alguns participantes justificaram o seu interesse pela participação em causas consideradas louváveis, sendo o meio ambiente reconhecido como uma destas: "E*u acho que é sempre bom. O meio ambiente é sempre um bom tema para as duas gerações, para ser só idosos ou só crianças, eu acho que é sempre um bom tema.*" (PI10); "*É uma ideia bastante interessante. Eu acho que tudo que a gente possa se engajar em benefício do meio ambiente e da sociedade é louvável.*" (PI9); "*Acho que é muito interessante, acho que é muito interessante, havendo tempo, porque também estou matriculada noutros estabelecimentos que tentam tratar dos séniores. Dentro das minhas possibilidades, essa de plantar, há um ditado que é escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho. Portanto, lembro-me disso antigamente, há pessoas que o fizeram, outras não, mas acho que sim, que era uma ideia muito interessante.*" (PI3).

As pessoas jovens consideraram um projeto deste género como uma oportunidade para a partilha de conhecimento entre ambas as gerações: "*Acho engraçado. É giro. E aprendemos sempre, também, com os mais velhos.*" (PJ3); "*Sim, acho que sim, eu acho que, a nível pessoal a minha opinião é que nós temos muito a aprender com toda a gente, principalmente com pessoas que já viveram muito, mas também com pessoas que já viveram menos do que nós, porque podem ter experiências muito diferentes, já ter estado em sítios onde nós nunca estivemos e portanto temos sempre coisas diferentes a aprender com toda a gente e acho que era uma iniciativa interessante, daria sempre para juntar ideias de várias gerações e de várias pessoas, de várias culturas diferentes, com diversas experiências e acabaria, eu acho que podia resultar.*" (PJ5); "*Ah, eu acho que sim. Dependendo do tipo de projeto, ou seja, se fosse alguma coisa que desse para... ou seja, obter conhecimento da parte deles, dar conhecimento da nossa parte, de algumas coisas, e isso contribuísse de forma ecológica, era muito interessante.*" (PJ10).

3.3.2. Ideias de atividades

Não foi apresentada uma grande quantidade de ideias para o projeto (n:6; 3 Entrevistas). Duas destas ideias foram apresentadas pelas pessoas idosas (n:2; 2 Entrevistas), e quatro foram apresentadas pelas pessoas jovens (n:4; 4 Entrevistas).

Os participantes focaram-se em ações práticas e recorrentes, como a recolha do lixo e o ensino da reciclagem: "*Esses que já estão a ser divulgados, que é recolher os plásticos das praias, já estão também a acontecer, mas seria esses, sei lá, ensinar as crianças mas sem as assustar, sem as assustar, que não se deita, come o gelado e deita para o chão, porque o papel tem que ser recolhido, o que leva para a praia tem que ser recolhido, os adultos fumadores que atiram com as beatas para o chão, a recolha das beatas, os plásticos que andam por aí.*" (PI3).

Nas suas sugestões, as pessoas jovens mostram-se preocupadas com a capacidade física apresentada pelas pessoas idosas: "*Por exemplo, coisas que não envolvam muito a locomoção, porque a maior parte dos idosos têm dificuldade de locomover-se, pronto, grandes trajetos, grandes distâncias. Não sei. Eu iria dizer limpar uma mata, só que depois também vai um bocado contra o que eu acabei de dizer, não é? Não sei.*" (PJ2); "*Deixa cá ver o que é que se poderia fazer. É assim, os idosos cansam-se com muita facilidade, pelo menos é a ideia que eu tenho. Seria, se calhar, algum projeto mais... Pois, o problema é ser prático. Prática é sempre complicado. Mas a ideia é ter, tipo, sei lá, uma ação de sensibilizar o público. Por exemplo, um videozinho, tipo um sketch, feito entre idosos e jovens, era uma cena engraçada. Tipo, um meio que um teatrozinho.*" (PJ10).

3.3.3. Importância do acompanhamento técnico

Devido à noção de que existem diferenças entre gerações, os participantes apresentaram a necessidade de que um projeto deste género seja acompanhado de forma técnica (n:6; 6 Entrevistas). Salienta-se que esta necessidade foi identificada sobretudo pelas pessoas jovens (n:5; 5 Entrevistas), sendo apenas uma citação pertencente a uma pessoa idosa (n:1; 1 Entrevista).

Apresentou-se a preocupação de que ambas as gerações se possam sentir envolvidas caso participem de um projeto: "*Eu acho que tem que haver realmente todo um planejamento e os líderes, no caso, teriam que ter realmente uma psicologia, já que é sua área, voltada para que fosse trabalhado todas essas diferenças. Porque eu acho que o bonito é a gente olhar para as diferenças e trabalhar com elas, mas tudo isso tem que ter um trabalho muito bem organizado para que corra bem, para que todos se sintam entrosados, adaptados.*" (PI9).

Foi afirmado que a interação entre as pessoas idosas e as pessoas jovens poderia ser impactada por algumas características em que as gerações diferem, como por exemplo, a forma de tratamento, pelo que é necessário haver uma preparação para tal interação: "*Acho que convinha haver um guião. Um guião de género, tipo, não precisava estar tudo escrito, mas era, pronto, estes são os pontos das atividades do dia, e meio que haver, tipo, pelo menos um quebra gelo inicial de, pronto, estes são certas pessoas, estes são certas pessoas, de formas também que, se calhar, como convinha tratarmos uns aos outros, porque, sei lá, um*

idoso pode não gostar da forma como eu falo contigo e às vezes eu não reparar, e estar a ser mal educado, ou seja, se calhar, tipo, ter cuidados com certas coisas, tipo, apresentar-nos às pessoas no início e assim. Isso sim, de forma estruturada, o resto podia se calhar fluir mais facilmente." (PJ10).

Foi também manifestada a preocupação para que haja uma igualdade de estatutos entre as gerações: "*Primeiro, acho que devia ter pessoas que, de facto, quisessem estar a interagir umas com as outras. Se calhar, escolher jovens que não fossem muito impacientes e também idosos que não... Porque depois há sempre conflitos intergeracionais, tipo, ah, mas porque é que eu vou estar com os meninos? Ou então, ao contrário, porque é que eu vou estar com os velhotes? Acho que há pessoas que estejam dispostas a isso, sem haver quase como uma superioridade de geração, qual é a geração que está mais sobreposta à outra. Não sei bem quais são os melhores aspectos a ter em conta, mas pelo menos não sobrepor nenhuma das gerações.*" (PJ1).

CAPÍTULO 4

Discussão

Dada a necessidade de resposta à problemática das alterações climáticas e do envelhecimento da população, destacou-se o potencial de interligação destas duas questões. Através da realização de entrevistas individuais semiestruturadas, o presente trabalho buscou compreender a perceção de duas populações, pessoas jovens e pessoas idosas, face às temáticas do ambientalismo e do envelhecimento. Mais especificamente, foram estruturadas as seguintes questões de investigação: “Quais são as representações da população idosa e da população jovem face ao ambientalismo e ao envelhecimento?” e "Que fatores devem ser tidos em conta para o desenvolvimento de um programa intergeracional nesta área?”.

Em primeiro lugar, no contexto da relação entre as gerações e o envolvimento pró-ambiental, foi investigada a possibilidade de uma geração ser definida socialmente como mais envolvida nas questões ambientais. A partir dos resultados obtidos, nenhum grupo etário pôde ser apontado como o mais preocupado com o ambientalismo. As respostas associaram o cuidado com o ambiente a todas as gerações: crianças, pessoas jovens, adultos de meia-idade e pessoas idosas.

Estes resultados são coerentes com as descobertas provenientes do estudo realizado por Marlon e colaboradores (2022). Nesta investigação, os autores procuraram examinar a existência de diferenças na forma como as gerações percecionam as alterações climáticas. Foram tidas em conta questões como a crença na realidade do aquecimento global e o nível de preocupação manifestado. De forma geral, ainda que as gerações mais novas tenham apresentado maiores níveis de preocupação e suporte das políticas ambientais, as diferenças encontradas não foram acentuadas. Os resultados demonstraram a existência de uma preocupação significativa das gerações boomer e anteriores (indivíduos nascidos até 1964) face às questões ambientais (Marlon et al., 2022).

Contudo, estudos têm apontado para a crescente aflição manifestada pela população juvenil face ao seu futuro. Considera-se que as pessoas jovens serão as mais afetadas pelas mudanças ambientais e consequente falta de segurança, o que as faz requerer da restante população ações de mudança (Thiery et al., 2021; Hagedorn et al., 2019). As gerações anteriores são vistas como consumidoras dos recursos naturais (Street & Cossman, 2006), assim como são entendidas como as detentoras do poder e autoridade para provocar a transformação do atual cenário ambiental (para revisão ver Chazan & Baldwin, 2019). Recorrentemente põe-se um foco no futuro da Terra e nas suas consequências prejudiciais às gerações mais novas. Contudo, sabe-se também que os efeitos destas alterações tornam-

se cada vez mais frequentes na atualidade, e as pessoas idosas que possuem menor saúde física estão mais vulneráveis a estes efeitos negativos (Pillemer et al., 2022a).

Os resultados salientaram também o papel da educação ambiental fornecida nas escolas e a influência desta na consciencialização das gerações mais novas sobre as alterações climáticas e o cuidado ambiental. As crianças aprendem a praticar comportamentos pró-ambientais através da observação de modelos, como por exemplo membros da família e professores (Hosany et al., 2022). Tanto em contexto de sala de aula como em visitas de campo, crianças e adolescentes em idade escolar têm sido estimulados ao cuidado ambiental (van de Wetering et al., 2022). Segundo a metanálise realizada por van de Wetering e colaboradores, a educação ambiental tem o potencial de impactar as crianças e adolescentes em diversos níveis: conhecimento ambiental, atitudes, intenções e comportamentos (van de Wetering et al., 2022).

Quanto à participação prévia em projetos ambientais, apenas três dos vinte participantes entrevistados no presente estudo afirmaram já ter participado em iniciativas deste cariz, sendo os mesmos três pertencentes à população jovem. Ainda que não sejam diferenças exacerbadas, os menores níveis de preocupação e participação ambiental apresentados pelas pessoas idosas podem ser explicados pelo contexto em que estão inseridos. Ao contrário das gerações mais novas, as pessoas idosas já não estão inseridas no ambiente escolar. Devido à crescente preocupação com as alterações climáticas a nível global, a educação ambiental tem sido mais desenvolvida. Contudo, esta não foi uma realidade tão presente na educação das gerações anteriores. A globalização faz também com que a temática ambiental seja amplamente abordada nas redes sociais, um cenário que está mais associado às pessoas jovens (Han & Ahn, 2020). Segundo as pesquisas indicam, a falta de conhecimento e experiência na área constitui uma das principais barreiras para que as pessoas idosas possam envolver-se com as questões ambientais. Além disso, salienta-se também a falta de investimento das organizações ambientais neste grupo etário e nas suas capacidades de contribuição (Diehl, 2022; Pillemer, 2017).

Por outro lado, apesar do baixo nível de participação prévia em projetos apresentado por ambas as populações, a generalidade dos participantes demonstrou-se adepta dos comportamentos pró-ambientais. Foi possível perceber que a vida quotidiana, tanto das pessoas jovens como das pessoas idosas, é composta por ações que visam o cuidado ambiental. Reciclagem, diminuição do consumo de água e plantação de hortas constituem algumas das práticas citadas. Embora tenha sido reconhecido o papel dos que detêm maiores recursos, como os líderes governamentais e as grandes empresas, visto que as suas ações afetam diretamente as políticas ambientais e a emissão de gases com efeito de estufa (Dietz et al., 2020), os participantes identificaram também a responsabilidade individual. Sabe-se que as escolhas quotidianas de cada pessoa, como a utilização de combustíveis fósseis ou o

consumo de bens alimentares, influencia direta ou indiretamente o sistema ambiental. Além disso, a vivência em sociedade faz com que as ações individuais produzam também efeitos nas ações de terceiros, em cenários como o ambiente de trabalho ou o agregado familiar (Dietz et al., 2020).

Quanto aos aspetos que funcionam como obstáculos ao envolvimento pró-ambiental, destacou-se a falta de interesse dos indivíduos e as fraquezas da comunicação social. Segundo o modelo proposto por Kollmuss e Agyeman em 2002, a prática de comportamentos pró-ambientais está dependente de variados fatores, externos e internos. O modelo afirma que os fatores internos, como traços de personalidade e sistema de valores, em conjunto com os fatores externos, como cultura e estatuto socioeconómico, formam o que os autores chamam de "consciência pró-ambiental" (Kollmuss & Agyeman, 2002, p.256). A interação entre todos estes fatores constitui o mecanismo influenciador da ação pró-ambiental (Kollmuss & Agyeman, 2002).

A fim de que os indivíduos sejam impulsionados para o envolvimento com a causa ambiental, uma visão multidimensional deve ser adotada, considerando aspetos como conhecimentos, valores e atitudes (Kollmuss & Agyeman, 2002; Bowers & Creamer, 2020). Para além de adquirir as ferramentas necessárias para agir em benefício do ambiente, é também necessário que os indivíduos sejam motivados a interagir com a problemática das alterações climáticas.

Os canais de notícia (e.g., televisão; websites) fornecem grande parte da informação sobre as alterações climáticas detida pelo geral da população, o que molda os pensamentos e comportamentos dos indivíduos face a este tópico (para revisão ver Schäfer & Painter, 2021). Contudo, segundo o estudo realizado por Han e Xu (2020) na China, os efeitos da media tradicional tornam-se muito reduzidos quando comparados com o impacto da comunicação interpessoal e das redes sociais. A comunicação interpessoal demonstrou ter a maior influência nos comportamentos pró-ambientais. Dado as características das redes sociais enquanto canal de diálogo entre utilizadores, estas apresentaram um papel significativo enquanto intensificadoras da relação entre a comunicação interpessoal e os comportamentos pró-ambientais (Han & Xu, 2020). Tais efeitos podem ser observados no caso da Greta Thunberg, que teve a sua repercussão largamente intensificada através das redes sociais (Boulianne et al., 2020). Assim, o potencial das novas formas de comunicação social poderá ser explorado com o objetivo de aumentar a qualidade das informações sobre as alterações climáticas fornecidas ao público.

Além disso, como mencionado anteriormente, sabe-se que a integração digital das pessoas jovens contrasta com a menor experiência tecnológica das pessoas idosas (Jarrott et al., 2021). Por isso, salienta-se também a importância do investimento na literacia digital da

população sénior, para que possam estar integradas nesta divulgação através das redes sociais e para que possuam as ferramentas necessárias para interagir nestas plataformas.

Referente ao tema do envelhecimento, coerente com a revisão de literatura realizada, os participantes entrevistados revelaram que a representação social das pessoas idosas é maioritariamente negativa. Segundo afirmado por Diehl, quatro noções estereotípicas estão comumente associadas ao envelhecimento: esta fase da vida está relacionada a perda e ao declínio, as alterações que ocorrem são incontroláveis, as perdas são permanentes e irreversíveis, e as pessoas idosas representam um fardo para a sociedade (Diehl, 2022).

Ainda que o envelhecimento esteja inegavelmente relacionado às alterações fisiológicas e ao declínio da saúde, é importante ter em conta os avanços médicos verificados e o facto de que este processo não decorre da mesma forma em todas as pessoas, estando dependente da individualidade de cada um (Crimmins, 2015). Além disso, as mudanças que ocorreram na sociedade a nível educacional e económico contribuíram para que as pessoas idosas da atualidade tenham melhores condições de vida e possam continuar ativas nas suas comunidades, sobretudo no que toca à faixa-etária dos 60 aos 75 anos (para revisão ver Diehl et al., 2020).

No cenário onde o declínio associado à idade é visto como inevitável e incontrolável, é indispensável que seja considerada a relevância do estilo de vida e dos hábitos comportamentais dos indivíduos. Sem que seja excluído o papel da genética, sabe-se que a adoção de hábitos saudáveis, como manter-se física e cognitivamente ativo, contribui para que doenças cognitivas como o Alzheimer sejam evitadas (para revisão ver Diehl et al., 2020). Assim como estabelecido pelos indicadores do envelhecimento ativo, que apontam a responsabilidade da sociedade e das próprias pessoas idosas, é essencial que sejam asseguradas as condições para que esta população possa viver uma vida ativa nas suas comunidades (World Health Organization, 2002; Bárrios, 2016). Os estereótipos afirmam que as pessoas idosas são dependentes do restante da sociedade, constituindo um peso para a mesma. A vivência ativa e promotora da participação constitui uma ferramenta para que esta ideia seja combatida.

Os participantes não se focaram apenas nos aspetos do envelhecimento considerados negativos, apontando para uma visão dualista do processo de envelhecimento. Assim como visto na revisão de literatura, a noção dualista do envelhecimento, que foca tanto características negativas quanto positivas, foi encontrada por diversos autores que relacionaram a representação das pessoas idosas ao Stereotype Content Model (Fiske et al., 2002). Os estudos realizados nesta área demonstraram que as pessoas idosas são caracterizadas por maior afetuosidade em contraste com menores níveis de competência (para revisão ver Marques et al., 2014).

No presente estudo, as pessoas idosas foram positivamente associadas à possessão de uma maior sabedoria, sendo dada ênfase às experiências que adquirem ao longo dos anos. Esta noção apresentada não só pelas pessoas idosas, mas também pelas pessoas jovens vai ao encontro do que é afirmado pelo autor Karl Pillemer ao abordar o conceito de *wisdom-sharing* e representa uma oportunidade para o contacto intergeracional. Segundo apresentado pelo autor, as características destas duas populações interligam-se através do facto de que as pessoas jovens necessitam de obter conhecimento e as pessoas idosas possuem a capacidade de dividir este conhecimento sobre a vida (Pillemer et al., 2022b). Na partilha das suas histórias, as pessoas idosas podem abordar temáticas como a infância, relacionamentos, educação e vida profissional (Al-Ghafri et al., 2023). Além dos benefícios para as pessoas jovens, o ato de reviver e avaliar o seu passado mostra-se também positivo para a aceitação da vida decorrida e do futuro das pessoas idosas (para revisão ver Al-Ghafri et al., 2023).

Outra característica vinculada a esta população pelos participantes foi a definição da idade enquanto um constructo subjetivo. Segundo as pesquisas indicam, a idade subjetiva consiste na avaliação da idade sentida por um indivíduo através de medidas psicológicas, cognitivas e físicas (Gendron et al., 2018). Alguns estudos têm investigado a relação entre a idade subjetiva e a representação social negativa da pessoa idosa, sendo apresentado o desejo de preservar a identidade de pessoa jovem para escapar à definição social da pessoa idosa (para revisão ver Gendron et al., 2018). Apresentar uma idade subjetiva menor do que a idade cronológica pode significar uma forma de defesa contra o idadismo (Chasteen & Cary, 2015). A definição do que significa ter uma determinada idade, como por exemplo 75 anos, pode ser influenciada pela cultura social que está dominada por uma visão de evitamento do envelhecimento. Assim, a idade subjetiva pode ser um resultado da "*internalização dos efeitos do idadismo*" (Gendron et al., 2018, p.620). Por outro lado, Hughes e Touron afirmam que o vínculo entre os estereótipos negativos e a idade subjetiva não é claro, e apresentam uma perspetiva mais positiva deste constructo. O avanço da idade sentida é relacionado a um maior declínio da saúde. A idade subjetiva é retratada como influenciadora positiva dos níveis de bem-estar e saúde, e as pesquisas indicam que esta afeta e é afetada pela capacidade de independência das pessoas idosas para a realização das suas atividades quotidianas (Hughes & Touron, 2021).

Assim, poderá ser importante que a relação entre a representação social da pessoa idosa e o conceito de idade subjetiva seja mais investigada, a fim de que o entendimento da idade subjetiva enquanto um mecanismo positivo não seja utilizado para a propagação das crenças idadistas.

A temática da participação social das pessoas idosas ressaltou tanto o papel da comunidade quanto a responsabilidade das próprias pessoas idosas no que toca à sua

participação enquanto membro da comunidade. Por um lado, foram ressaltados os avanços e os esforços sociais que têm sido feitos para que esta população seja mais valorizada, como por exemplo a criação de iniciativas que reconhecem a importância do envelhecimento ativo e a capacidade das pessoas idosas para vivenciá-lo. Por outro lado, os participantes também referiram o isolamento, a solidão e o abandono experienciado pelas pessoas idosas.

A participação social constitui um dos critérios para o envelhecimento ativo e está associada a maiores níveis de saúde física e emocional, funcionamento cognitivo, bem-estar e qualidade de vida geral. Segundo as pesquisas indicam, os benefícios da participação social não estão dependentes apenas da regularidade do contacto social. Estes benefícios são também acrescidos pela qualidade das relações estabelecidas através das interações sociais, criando oportunidades para que as pessoas idosas sintam que estão conectadas a outras pessoas e podem contribuir para a comunidade (para revisão ver Townsend et al., 2021).

Com o objetivo de criar intervenções que sejam mais eficazes para a promoção da participação social, Townsend e colaboradores realizaram uma revisão sistemática de literatura a fim de investigar os aspetos que funcionam como facilitadores e/ou barreiras a esta participação. Um mesmo aspeto pode ser definido como facilitador ou barreira, a depender da sua configuração (e.g., níveis socioeconómicos) (Townsend et al., 2021).

Após a revisão realizada, quatro temas principais foram identificados: fatores demográficos, fatores internos/individuais, fatores ambientais e fatores de conexão social. Os fatores internos e individuais, como saúde e motivações, constituíram o tema de maior dimensão (Townsend et al., 2021). Tal facto assinala a relevância das ações do próprio sujeito no investimento do seu envelhecimento ativo.

A tecnologia foi indicada como um sub-tema dos fatores internos/individuais, representada como uma temática emergente e uma potencial facilitadora da participação social (Townsend et al., 2021). Os participantes entrevistados no presente estudo citaram o avanço tecnológico como uma das razões para a separação entre as gerações na atualidade. Esta questão tem sido recentemente explorada por diversos estudos, sendo a integração digital das pessoas idosas considerada uma oportunidade para a integração social desta população e para a promoção da intergeracionalidade em diversos contextos, como por exemplo o familiar (Sen et al., 2022; Phang et al., 2023).

Outra característica diferenciadora das gerações, segundo apresentado pelas pessoas jovens, é o carácter de rigidez associado às pessoas idosas. De acordo com a perceção dos participantes, as pessoas idosas estão menos propensas à modernização e ao aprendizado de novos conhecimentos. Estes atributos podem ser definidos como “abertura à experiência”, um dos cinco grandes traços de personalidade propostos pelo modelo *five-factor*, e está relacionada à características como criatividade, imaginação, curiosidade e níveis de conservadorismo (Costa & McCrae, 1986).

Segundo a metanálise realizada por Roberts e colaboradores em 2006, a abertura à experiência está negativamente associada ao envelhecimento. Os resultados indicaram maiores níveis deste traço nas pessoas jovens entre os 18 e 22 anos, e uma diminuição destes valores a partir dos 60 anos de idade (Roberts et al., 2006). Estudos mais recentes também têm encontrado este padrão decrescente de abertura à experiência nos anos de vida mais avançados (Wagner et al., 2016; Schwaba & Bleidorn, 2018).

Apesar disso, é importante ressaltar os benefícios deste traço de personalidade encontrados na literatura. Diversos estudos têm associado uma maior abertura à experiência nas fases mais avançadas da vida a um melhor funcionamento cognitivo, especialmente nas áreas relativas à memória (Pocnet et al., 2021; Stolz et al., 2023; Gregory et al., 2010).

Mühlig-Versen, Bowen e Staudinger (2012) pretenderam explorar a plasticidade da personalidade, com foco na abertura à experiência, através de um programa de treino para a prática do voluntariado. Os autores definiram como hipótese que a combinação entre fatores internos (medidos através das crenças de controlo interno) e recursos externos (treino e prática do voluntariado) iria resultar em mudanças positivas nos níveis de abertura à experiência. Os resultados foram ao encontro da hipótese determinada, demonstrando que após a participação no treino e a prática do voluntariado, indivíduos com maior crença de controlo interno apresentaram maiores níveis de abertura à experiência (Mühlig-Versen et al., 2012). As descobertas deste estudo apontam para o papel benéfico de iniciativas externas no que toca ao fortalecimento das características internas dos indivíduos (Staudinger, 2020).

A abertura à experiência pode ser especialmente importante para a satisfação com a vida daqueles que estão a experienciar os desafios provenientes da reforma (Stephan, 2009). Assim, importa que as intervenções que buscam o envelhecimento ativo das pessoas idosas considerem os benefícios do incentivo à uma maior abertura à experiência.

De forma geral, todos os participantes demonstraram interesse em participar de um projeto intergeracional direcionado ao ambiente. Contudo, as respostas foram na sua maioria pouco desenvolvidas, o que indica a necessidade de um maior investimento nesta temática, para que as práticas da intergeracionalidade e do envolvimento pró-ambiental sejam consideradas mais atrativas pela população.

Nas suas sugestões de atividades para o projeto, as pessoas jovens manifestaram a preocupação com o grau de capacidade física das pessoas idosas. Esta perceção vai ao encontro da noção de baixa competência associada à população sénior (para revisão ver Marques et al., 2014), baseada no Stereotype Content Model (Fiske et al., 2002) mencionado anteriormente. Estes dados confirmam a relevância da estruturação de iniciativas que demonstrem as competências das pessoas idosas, fornecendo informação contrária ao estereótipo social (Garcia-Marques & Mackie, 1999).

Os participantes reconheceram também a importância do acompanhamento técnico do projeto. Tendo em conta os objetivos que um projeto deste género pretende atingir, é imprescindível que na construção do mesmo estejam presentes as formulações teóricas adequadas que se mostram eficazes. Quanto à redução do idadismo através da promoção da intergeracionalidade, salienta-se o papel dos fatores determinantes para a mudança de atitudes intergrupais: contacto intergrupal positivo (Bousfield & Hutchison, 2010), criação de laços afetivos (Pettigrew & Tropp, 2006) e exposição à informação contrária ao estereótipo (Garcia-Marques & Mackie, 1999). No que toca ao estímulo para o envolvimento pró-ambiental, existem inúmeras teorias psicológicas, sociológicas e económicas que visam a mudança comportamental neste contexto (Tian & Liu, 2022). Assim, dado que o comportamento pró-ambiental está relacionado a uma multidimensionalidade de fatores, autores sugerem que seja adotada uma perspetiva integrativa que tenha em conta elementos internos e externos (Tian & Liu, 2022; Kollmuss & Agyeman, 2002).

Em suma, tendo em conta as questões de investigação estabelecidas, é importante ressaltar que não foram encontradas diferenças acentuadas na forma como as duas gerações entrevistadas percecionam a temática ambiental e a representação social da pessoa idosa. Ambos os grupos demonstraram baixo envolvimento prévio com as questões ambientais. Entretanto, a generalidade dos participantes perceciona as alterações climáticas como um problema real e reconhece a responsabilidade das ações individuais para a mitigação dos efeitos nocivos destas alterações, tendo sido possível observar que os comportamentos pró-ambientais fazem parte do quotidiano dos participantes. Quanto à representação social das pessoas idosas, ambos os grupos manifestaram opiniões coerentes com o que foi indicado pela revisão de literatura: as pessoas idosas são representadas de forma maioritariamente negativa, com especial enfoque dado à diminuição das capacidades nesta altura da vida. Contudo, foi reconhecida a maior experiência de vida associada a esta população, assim como foi indicado que este acúmulo de conhecimentos poderá ser benéfico para o incentivo das relações intergeracionais.

Quanto aos fatores que deverão ser tidos em conta para o desenvolvimento de um programa intergeracional nesta área, é fundamental que sejam considerados os aspetos apresentados como barreira ao envolvimento pró-ambiental. Além disso, é essencial que sejam analisados os fatores que funcionam como barreiras ou facilitadores à participação social das pessoas idosas, e que sejam examinadas as diferenças entre gerações que poderão dificultar o contacto intergeracional.

As relações intergeracionais podem ser representadas através de uma perspetiva ambivalente. As divergências entre gerações, muitas vezes associadas a preconceitos e estereótipos negativos, originam conflitos entre as gerações. Por outro lado, o reconhecimento

das características positivas que podem advir da cooperação entre gerações aponta para uma faceta de solidariedade associada a este tipo de relações (Ayalon et al., 2023).

A problemática das alterações climáticas pode também ser entendida através desta lente ambivalente. Por um lado, as pessoas jovens associam as alterações negativas do ambiente às ações das gerações anteriores, criando uma tensão entre estes dois grupos. Por outro lado, o desejo de generatividade apresentado pelas pessoas idosas, que têm o objetivo de contribuir para o futuro das gerações mais novas, realça o potencial de unidade e solidariedade no cuidado ambiental (Ayalon et al., 2023).

Implicações práticas

Em primeiro lugar, o presente estudo traz enfoque e visibilidade para duas problemáticas de relevância atual. A uma escala global, os efeitos das alterações climáticas têm progredido a uma velocidade preocupante (Abbass et al., 2022). Por outro lado, especialmente no caso nacional, as demandas provenientes do envelhecimento populacional têm sido cada vez mais acrescidas. Em Portugal, as pessoas idosas representam mais de 20% do total da população (INE, 2023; Pordata, 2022), sendo assim é imprescindível que a representação social deste grupo seja reformulada.

Os resultados provenientes das entrevistas realizadas fornecem informações pertinentes para o delineamento de um programa intergeracional focado no envolvimento pró-ambiental. Foi possível perceber que, apesar da relevância da temática ambiental, ainda é necessário que a sociedade seja incentivada a envolver-se com o ambientalismo através do aumento da motivação individual e do fortalecimento da comunicação social sobre este tema. Por outro lado, as representações negativas acerca das pessoas idosas e as incompatibilidades encontradas entre as gerações reforçam a pertinência da criação de intervenções intergeracionais que, através do contacto positivo, promovam a criação de laços afetivos e comprovem a competência da população sénior.

Além disso, as perceções transmitidas pelas pessoas idosas acerca da temática ambiental permitem o combate à ideia transmitida socialmente de que as pessoas jovens estão mais envolvidas com as questões ambientais. Em comparação com esta população, as pessoas idosas entrevistadas mostraram-se igualmente conscientes acerca das alterações climáticas, assim como também provaram-se adeptas dos comportamentos pró-ambientais no seu dia a dia.

O baixo nível de envolvimento prévio com projetos direcionados ao ambiente comprova a necessidade de investimento neste tema junto das comunidades. Contudo, ainda que tenha sido observada esta falta de experiência com o envolvimento pró-ambiental em contextos sociais, concluiu-se que a temática ambiental possui um potencial atrativo para ambas as gerações.

Limitações e sugestões futuras

Além dos seus contributos para a prática, é também importante citar as limitações do presente estudo.

A amostra deste estudo constitui uma amostra por conveniência, o que limita o potencial de generalização dos dados visto o seu carácter não probabilístico e não aleatório. Foi pretendida a realização de uma investigação qualitativa aprofundada que permitisse a exploração das representações individuais e grupais face às duas temáticas propostas, como um incentivo para que a pertinência destas mesmas temáticas seja considerada pela comunidade científica e mais estudos sejam realizados nesta área.

Quanto ao interesse em participar em um projeto intergeracional direcionado ao ambiente, é possível que a temática em questão e a presença de um entrevistador possa ter originado enviesamentos de desejabilidade social. Segundo Grimm, abordar temáticas consideradas sensíveis, como a ambiental, pode originar respostas que sejam socialmente desejáveis. Efeitos que podem ser agravados pelo contexto de entrevista (Grimm, 2010). Sugere-se que em investigações futuras sejam utilizados outros métodos para avaliar o interesse de participação em um projeto ambiental, como por exemplo questionários.

Por fim, no decorrer do estudo foram citados os conceitos de generatividade e *wisdom-sharing* como potenciais incentivadores do contacto intergeracional e do envolvimento pró-ambiental. Contudo, questões que permitissem explorar a relevância destes conceitos não foram englobadas no guião das entrevistas semiestruturadas. Assim, propõe-se que estes conceitos sejam melhor investigados no futuro. Duas questões podem ser definidas: A generalidade das pessoas jovens manifesta o desejo de receber conhecimento das gerações anteriores através da partilha de experiências? As pessoas idosas consideram o envolvimento pró-ambiental como uma oportunidade para a generatividade?

Conclusão

Dada a escassez de programas intergeracionais na área do envolvimento pró-ambiental, sobretudo no contexto nacional, o presente estudo teve como objetivo realizar uma avaliação de necessidades que permitisse compreender as perceções de duas populações-alvo, pessoas idosas e pessoas jovens, face às temáticas em questão.

Foram realizadas 20 entrevistas individuais semiestruturadas, sendo dez participantes pessoas idosas e dez participantes pessoas jovens. Recorreu-se a análise temática reflexiva, através de uma abordagem maioritariamente indutiva, para que fosse possível obter as representações subjetivas destas duas populações de forma aprofundada.

Relativamente à representação social da pessoa idosa, os resultados obtidos reforçam o que foi indicado pela revisão de literatura. A representação das pessoas idosas é maioritariamente negativa, pelo que é necessário o combate às crenças idadistas internalizadas pela sociedade. O cenário atual demonstra que ainda são requeridos muitos esforços para o alcance do envelhecimento ativo e para a afirmação desta população enquanto parcela contribuidora das suas comunidades.

Os níveis de envolvimento com o ambientalismo não mostraram diferenças significativas na forma como as pessoas jovens e as pessoas idosas percecionam o cuidado ambiental. Ambas as gerações reconhecem as ameaças das alterações climáticas e a consequente necessidade de mudança.

Os dados provenientes das entrevistas fornecem informações pertinentes para o delineamento de programas intergeracionais que tenham como objetivo a diminuição do idadismo e a promoção do cuidado ambiental.

Referências Bibliográficas

Abbass, K., Qasim, M. Z., Song, H., Murshed, M., Mahmood, H., & Younis, I. (2022). A review of the global climate change impacts, adaptation, and sustainable mitigation measures. *Environmental Science and Pollution Research*, *29*, 42539-42559. http://dx.doi.org/10.1007/s11356-022-19718-6

Ahmad, J., Noor, S. M., Ismail, N. (2015). Investigating students' environmental knowledge, attitude, practice, and communication. *Asian Social Science, 11*(16), 284-293. http://dx.doi.org/10.5539/ass.v11n16p284

Al-Ghafri, B. R., Eltayib, R. A. A., Al-Ghusaini, Z. B., Al-Nabhani, M. Q., Al-Mahrezi, A., Al-Saidi, Y., Al-Sinawi, H., Al-Harrasi, A. M., & Chan, M. F. (2023). A qualitative study to explore the life experiences of older adults in Oman. *European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education*, *13*, 2135–2149. https://doi.org/10.3390%2Fejihpe13100150

Ames, B. D., & Youatt, J. P. (1994). Intergenerational education and service programming: A model for selection and evaluation of activities. *Educational Gerontology*, *20*(8), 755-764. http://dx.doi.org/10.1080/0360127940200803

Antunes, M. C. (2017, 30 de março). Educação e bem-estar na terceira idade. *Revista Kairós - Gerontologia*, *20*(1), 155-170. https://doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i1p155-170

Arroteia, J. C., & Cardoso, A. P. O. (2006). O envelhecimento da população portuguesa: Responsabilidade social e cidadania. *Psychologica, 42,* 9–24. http://hdl.handle.net/10400.19/3628

Ayalon, L., Ulitsa, N., AboJabel, H., & Engdau, S. (2022). Older persons' perceptions concerning climate activism and pro-environmental behaviors: Results from a qualitative study of diverse population groups of older israelis. *Sustainability*, *14*(24), Article 16366. http://dx.doi.org/10.3390/su142416366

Ayalon, L., Roy, S., Aloni, O., & Keating, N. (2023). A scoping review of research on older people and intergenerational relations in the context of climate change. *The Gerontologist*, *63*(5), 945–958. https://doi.org/10.1093/geront/gnac028

Barloa, E. P., Lapie, L. P., & Cruz, C. P. P. (2016). Knowledge, attitudes, and practices on solid waste management among undergraduate students in a Philippine State University. *Journal of Environment and Earth Science*, *6*(6), 146-153. https://www.iiste.org/Journals/index.php/JEES/article/view/31197

Bárrios, M. J. (2016, 4 de Abril). ILC-BR (2015), active ageing: A policy framework in response to the longevity revolution, international longevity Centre Brazil, Rio de Janeiro, Brazil. *Forum Sociológico, 26*(2), 79-83. https://doi.org/10.4000/sociologico.1228

Bastos, J. P., Albuquerque, R., & Rosa, S. M. (2024, 11 de janeiro). Êxodo tem um "impacto brutal": 30% dos jovens nascidos em Portugal vivem fora do país. *Expresso*. https://expresso.pt/sociedade/2024-01-11-Exodo-tem-um-impacto-brutal-30-dos-jovens-nascidos-em-Portugal-vivem-fora-do-pais-6b42d39c

Bento, S. C. H. (2021). *Cidadania e sustentabilidade ambiental, o contributo dos programas para seniores de instituições de ensino superior em Portugal*. [Relatório de projeto, Instituto Politécnico de Leiria]. Repositório do Instituto Politécnico de Leiria. http://hdl.handle.net/10400.8/5837

Boamah, S. A., Weldrick, R., Lee, T. J., & Taylor, N. (2021). Social isolation among older adults in long-term care: A scoping review. *Journal of Aging and Health*, *33*(7-8), 618-632. https://doi.org/10.1177/08982643211004174

Boulianne, S., Lalancette, M., & Ilkiw, D. (2020). "School strike 4 climate": Social media and the international youth protest on climate change. *Media and Communication*, *8(2)*, 208–218. http://dx.doi.org/10.17645/mac.v8i2.2768

Bousfield, C., & Hutchison, P. (2010). Contact, anxiety, and young people's attitudes and behavioral intentions towards the elderly. *Educational Gerontology*, *36*(6), 451–466. http://dx.doi.org/10.1080/03601270903324362

Bowers, A. W., & Creamer, E. G. (2020). A grounded theory systematic review of environmental education for secondary students in the United States. *International Research in Geographical and Environmental Education*, *30*(3), 184–201. https://doi.org/10.1080/10382046.2020.1770446

Brasileiro, M. L. S., Moreira, M. A. S. P., Fabricio, F. A. A. P., Barros, K. C., & Medeiros, R. A., et al. (2019). Intergenerational programs among children, young and elderly people with educational emphasis: An integrative review. *Journal of Gerontology & Geriatric Medicine*, *5*(1), Article 025. http://doi.org/10.24966/GGM-8662/100025

Braun, V., & Clarke, V. (2020). One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? *Qualitative Research in Psychology*, *18*(3), 328-352. https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1769238

Braun, V., & Clarke, V. (2022). Conceptual and design thinking for thematic analysis. *Qualitative Psychology, 9*(1), 3–26. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/qup0000196

Busetto, L., Wick, W., & Gumbinger, C. (2020). How to use and assess qualitative research methods. *Neurological Research and Practice*, *2*(14). https://doi.org/10.1186/s42466-020-00059-z

Bushway, L. J., Dickinson, J. L., Stedman, R. C., Wagenet, L. P., & Weinstein, D. A. (2011). Benefits, motivations, and barriers related to environmental volunteerism for older adults: Developing a research agenda. *International Journal of Aging and Human Development, 72*(3), 189–206. https://doi.org/10.2190/ag.72.3.b

Câmara Municipal de Lagos. (s.d.). *Projeto Educação Ambiental vai aos Lares da 3ª Idade*. https://www.cm-lagos.pt/areas-de-atuacao/ambiente/educacao-ambiental/148-projeto-educacao-ambiental-vai-aos-lares-da-3-idade

Câmara Municipal de Lousada. (s.d.). *BioSénior*. https://www.cm-lousada.pt/p/biosenior

Chasteen, A. L., & Cary, L. A. (2015). Age stereotypes and age stigma: Connections to research on subjective aging. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, *35* (1), 99–119. http://dx.doi.org/10.1891/0198-8794.35.99

Chazan, M., & Baldwin, M. (2019). Granny solidarity: Understanding age and generational dynamics in climate justice movements. *Studies in Social Justice*, *13*(2), 244-261. https://doi.org/10.26522/ssj.v13i2.2235

Chen, P. W., Chen, L., Huang, H., & Loh, C. (2022). Productive aging by environmental volunteerism: A systematic review. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 98, Article 104563. https://doi.org/10.1016/j.archger.2021.104563

Cheng, S.T. (2009). Generativity in later life: Perceived respect from younger generations as a determinant of goal disengagement and psychological well-being. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, *64B*(1), 45–54. https://doi.org/10.1093/geronb/gbn027

Cloughton, I. (2021). Global youth activism on climate change. *Social Work & Policy Studies: Social Justice, Practice and Theory*, *4*(1), Student edition. https://openjournals.library.sydney.edu.au/index.php/SWPS/article/view/14960

Costa, P. T., & Mccrea, R. R. (1986). Personality stability and its implications for clinical psychology. *Clinical Psychology Review*, *6*(5), 407-423. https://psycnet.apa.org/doi/10.1016/0272-7358(86)90029-2

Corner, A., Roberts, O., Chiari, S., Völler, S., Mayrhuber, E. S., Mandl, S., & Monson, K. (2015). How do young people engage with climate change? The role of knowledge, values, message framing, and trusted communicators. *WIREs Climate Change*, *6*(5), 523-534. https://doi.org/10.1002/wcc.353

Crimmins, E. M. (2015). Lifespan and healthspan: Past, present, and promise. *The Gerontologist, 55*(6), 901-911. https://doi.org/10.1093/geront/gnv130

D'Abundo, M. L., Fugate-Whitlock, E., & Fiala, K. A. (2011). Recycling Mentors: An intergenerational, service-learning program to promote recycling and environmental awareness. *Journal of Public Health Management and Practice*, *17*(4), 373-375. http://dx.doi.org/10.1097/PHH.0b013e3182159674

Dantas, C. (2023). *Portuguese report on 55+ environment and climate literacy.* Greener age. https://greenerage.eu/wp-content/uploads/2023/09/GreenerAge-PR1_A4-National-summary_SHINE.pdf

Day, P., Gould, J., & Hazelby, G. (2020). A public health approach to social isolation in the elderly. *Journal of Community Nursing*, *34*(3). https://www.researchgate.net/publication/342899133_A_public_health_approach_to_social_isolation_in_the_elderly

Dennis, M. K., & Stock, P. (2019). Green grey hairs: A life course perspective on environmental engagement. *Journal of Community Practice*, *27*(3-4), 430-445. https://doi.org/10.1080/10705422.2019.1647324

Diehl, M., Smyer, M. A., & Mehrotra, C. M. (2020). Optimizing aging: A call for a new narrative. *American Psychologist*, *75*(4), 577-589. http://dx.doi.org/10.1037/amp0000598

Diehl, M. (Verão de 2022). Reframing aging and climate change. *Generations Journal*, *46*(2). https://generations.asaging.org/reframing-aging-and-climate-change

Dietz, T., Shwom, R. L., & Whitley, C. T. (2020). Climate change and society. *Annual Review of Sociology*, *46*, 135-158. https://doi.org/10.1146/annurev-soc-121919-054614

Drury, L., Hutchison, P., & Abrams, D. (2016). Direct and extended intergenerational contact and young people's attitudes towards older adults. *British Journal of Social Psychology*, *55*(3), 522–543. *https://doi.org/10.1111/bjso.12146*

Ebi, K. L., Vanos, J., Baldwin, J. W., Bell, J. E., Hondula, D. M., Errett, N. A., Hayes, K., Reid, C. E., Saha, S., Spector, J., & Berry, P. (2021). Extreme weather and climate change: Population health and health system implications. *Annual review of public health*, *42*, 293-315. https://doi.org/10.1146%2Fannurev-publhealth-012420-105026

Fisher, D. R., & Nasrin, S. (2021). Climate activism and its effects. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, *12*(1), Article e683. https://doi.org/10.1002/wcc.683

Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology, 82*(6), 878–902. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.82.6.878

Fonseca, A. M. (2006). *O envelhecimento. Uma abordagem psicológica* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora. http://dx.doi.org/10.34632/9789725401507

Fonseca, A. M., Nunes, M. V., Teles, L., Martins, C., Paúl, C., & Castro-Caldas, A. (2009). Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida (IAQdV) – Estudo de validação para a população idosa portuguesa. *Psychologica*, *50*, 373-388. https://doi.org/10.14195/1647-8606_50_20

Gallagher, T. (2015).Community capacity building and the Reasonable Person Model: A rural Oregon experiment. In R. Kaplan and A. Basu (Eds.), *Fostering reasonableness: Supportive environments for bringing out our best*. Ann Arbor, MI: Michigan Publishing, University of Michigan. http://dx.doi.org/10.3998/maize.13545970.0001.001

Garcia-Gibson, F. (2023). The ethics of climate activism. *WIREs Climate Change*, *14*(4), Article e831. https://doi.org/10.1002/wcc.831

Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (1999). The impact of stereotype-incongruent information on perceived group variability and stereotype change. *Journal Of Personality and Social Psychology*, *77*(5), 979-990. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.77.5.979

Garrison-Diehn, C., Rummel, C., Au, Y. H., & Scherer, K. (2022). Attitudes toward older adults and aging: A foundational geropsychology knowledge competency. *Clinical Psychology: Science and Practice, 29*(1), 4-15. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/cps0000043

Gendron, T. L., Inker, J., & Welleford, A. (2018). "How old do you feel?" The difficulties and ethics of operationalizing subjective age. *The Gerontologist*, *58*(4), 618-624. https://doi.org/10.1093/geront/gnx098

Giddens, A. (2000). *Sociologia* (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Gregory, T., Nettelbeck, T., & Wilson, C. (2010). Openness to experience, intelligence, and successful ageing. *Personality and Individual Differences, 48*(8), 895-899. https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.02.017

Grimm, P. E. (2010). Social desirability bias. In J. Sheth, & N. Malhotra (Eds.), *Wiley International Encyclopedia of Marketing*. Wiley Online Library. https://doi.org/10.1002/9781444316568.wiem02057

Hagedorn, G., Kalmus, P., Mann, M., Vicca, S., Van den Berge, J., van Ypersele, J. P., Bourg, D., Rotmans, J., Kaaronen, R., Rahmstorf, S., Kromp-Kolb, H., Kirchengast, G., Knutti, R., Seneviratne, S. I., Thalmann, P., Cretney, R., Green, A., Anderson, K., Hedberg, M., … Hayhoe, K. (2019). Concerns of young protesters are justified. *Science*, *364*(6436), 139-140. https://doi.org/10.1126/science.aax3807

Han, H., & Ahn, S. W. (2020). Youth mobilization to stop global climate change: Narratives and impact. *Sustainability*, *12*(10), Article 4127. https://doi.org/10.3390/su12104127

Han, R., & Xu, J. (2020). A comparative study of the role of interpersonal communication, traditional media and social media in pro-environmental behavior: A China-based study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *17*(6), Article 1883. https://doi.org/10.3390%2Fijerph17061883

Hausknecht, S., Low, L-F., O'Loughlin, K., McNab, J., & Clemson, L. (2020). Older adults' self-perceptions of aging and being older: A scoping review. *The Gerontologist*, *60*(7), e524–e534. https://doi.org/10.1093/geront/gnz153

Hosany, A. R. S., Hosany, S., & He, H. (2022). Children sustainable behaviour: A review and research agenda. *Journal of Business Research*, *147*, 236-257. https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2022.04.008

Hughes, M. L., & Touron, D. R. (2021). Aging in context: Incorporating everyday experiences into the study of subjective age. *Frontiers in Psychiatry*, *12*. https://doi.org/10.3389/fpsyt.2021.633234

INE. (2023). *Tábuas de mortalidade em Portugal*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=594474380&DESTAQUESmodo=2

Ingrand, I., Paccalin, M., Liuu, E., Gil, R., & Ingrand, P. (2018). Positive perception of aging is a key predictor of quality-of-life in aging people. *PLoS One*, *3*(10), Article e0204044. https://doi.org/10.1371%2Fjournal.pone.0204044

Jarrott, S. E., Scrivano, R. M., Park, C., & Mendoza, A. N. (2021). Implementation of evidence-based practices in intergenerational programming: A scoping review. *Research on Aging*, *43*(7-8), 283–293. https://doi.org/10.1177/0164027521996191

Kaplan, M., Liu, S., & Hannon, P. (2006). Intergenerational engagement in retirement communities: A case study of a community capacity-building model. *Journal of Applied Gerontology*, *25*(5), 406-426. https://doi.org/10.1177/0733464806292862

Kennedy, A. (2010). Using community-based social marketing techniques to enhance environmental regulation. *Sustainability*, *2*(4), 1138-1160. https://doi.org/10.3390/su2041138

Kessler, E.-M., & Staudinger, U. M. (2007). Intergenerational potential: Effects of social interaction between older adults and adolescents. *Psychology and Aging, 22*(4), 690–704. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0882-7974.22.4.690

Klarin, T. (2018). The concept of sustainable development: From its beginning to the contemporary issues. *Zagreb International Review of Economics and Business*, *21*(1), 67-94. http://dx.doi.org/10.2478/zireb-2018-0005

Kollmuss, A., & Agyeman, J. (2002). Mind the gap: Why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior? *Environmental Education Research*, *8*(3), 239–260. http://dx.doi.org/10.1080/13504620220145401

Lima, M. P. (2013). *Posso participar? Actividades de desenvolvimento pessoal para pessoas idosas*. Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0765-8

Linder, N., Giusti, M., Samuelsson, K., & Barthel, S. (2022). Pro-environmental habits: An underexplored research agenda in sustainability science. *Ambio*, *51*, 546-556. https://doi.org/10.1007/s13280-021-01619-6

Malterud, K., Siersma, V. K., & Guassora, A. D. (2016). Sample size in qualitative interview studies: Guided by information power. *Qualitative Health Research*, *26*(13), 1753-1760. https://doi.org/10.1177/1049732315617444

Manjunath, J., Manoj, N., & Alchalabi, T. (2021). Interventions against social isolation of older adults: A systematic review of existing literature and interventions. *Geriatrics*, *6*(3), Article 82. https://doi.org/10.3390/geriatrics6030082

Matos, M. F., Galon, S. V., Leal, T. S., & Junior, O. M. (2017). *As relações do idoso com a educação ambiental, a ética, o meio ambiente e o ambientalismo*. V Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, Campina Grande, Brasil. https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/34122

Marlon, J., Neyens, L., Everett-Lane, B., Rosenthal, S. A., Maibach, E., & Leiserowitz, A. (2022). How do climate change views differ by generation? *Generations: Journal of the American Society on Aging*, *46*(2), 1–11. https://www.jstor.org/stable/48697105

Marques, S., Vauclair, C.M., Rodrigues, R., Mendonça, J., Gerardo, F., Cunha, F., Sena,C., & Leitão, E. (2014). *imAGES: Intervention program to prevent ageism in children*. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa & LEYA. http://hdl.handle.net/10071/15588

Marques, S., Mariano, J., Mendonça, J., De Tavernier, W., Hess, M., Naegele, L., Peixeiro, F., & Martins, D. (2020). Determinants of ageism against older adults: A systematic review. *International journal of environmental research and public health*, *17*(7), Article 2560. https://doi.org/10.3390/ijerph17072560

Mendes, J. (2020). Envelhecimento(s), qualidade de vida e bem-estar. Em T. Newton Fernandes de Matos, *A psicologia em suas diversas áreas de atuação* (v.3, pp. 132-144). Atena Editora. http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.18320170611

Mühlig-Versen, A., Bowen, C. E., & Staudinger, U. M. (2012). Personality plasticity in later adulthood: Contextual and personal resources are needed to increase openness to new experiences. *Psychology and Aging,* *27*(4), 855–866. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0029357

Nadal, K., Massuga, F., Soares, S., Doliveira, S. L. D., & Silva, A. Q. (2022, 14 de dezembro). Sustentabilidade e mensuração da qualidade de vida e bem-estar social: Uma revisão sistemática. D*elos: Desarrollo Local Sostenible*, *13*(36), 57-83. https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/660

Neas, S., Ward, A., & Bowman, B. (2022). Young people's climate activism: A review of the literature. *Frontiers in Political Science*, *4*, Article 940876. https://doi.org/10.3389/fpos.2022.940876

Nunes, L. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjetivo dos Idosos Através da Intergeracionalidade.* [Tese De Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da Universidade de Coimbra. https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/11787

Nunes, A. R. (2018). The contribution of assets to adaptation to extreme temperatures among older adults. *PLoS One*, *13*(11), Article e0208121. https://doi.org/10.1371%2Fjournal.pone.0208121

O'Brien, K., Selboe, E., & Hayward, B. M. (2018). Exploring youth activism on climate change: dutiful, disruptive, and dangerous dissent. *Ecology and Society*, *23*(3), Article 42. https://doi.org/10.5751/ES-10287-230342

Officer, A., & de la Fuente-Núñez, V. (2018). A global campaign to combat ageism. *Bulletin of the World Health Organization*, *96*(4), 295-296. https://doi.org/10.2471%2FBLT.17.202424

Palinkas, L. A., & Wong, M. (2020). Global climate change and mental health. *Current Opinion in Psychology*, *32*, 12-16. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2019.06.023

Pasupathi, M., Staudinger, U. M., & Baltes, P. B. (2001). Seeds of wisdom: Adolescents' knowledge and judgment about difficult life problems. *Developmental Psychology, 37*(3)*,* 351-361. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0012-1649.37.3.351

Pereira, M., Calado, T., Dacamara, C., & Calheiros, T. (2013). Effects of regional climate change on rural fires in Portugal. *Climate Research*, *57*(3), 187-200. http://dx.doi.org/10.3354/cr01176

Pettigrew, T. F. (1998). Intergroup contact theory. *Annual Review of Psychology, 49,* 65–85. https://psycnet.apa.org/doi/10.1146/annurev.psych.49.1.65

Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2006). A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal Of Personality And Social Psychology*, *90*(5), 751-783. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.90.5.751

Phang, J. K., Kwan, Y. H., Yoon, S., Goh, H., Yee, W. Q., Tan, C. S., & Low, L. L. (2023). Digital intergenerational program to reduce loneliness and social isolation among older adults: Realist review. *JMIR Aging*, *6*, Article e39848. https://doi.org/10.2196/39848

Pillemer, K., Wells, N. M., Meador, R. H., Shultz, L., Henderson, C. R., Jr., & Cope, M. T. (2017). Engaging older adults in environmental volunteerism: The Retirees in Service to the Environment Program. *The Gerontologist*, *57*(2), 367-375. https://doi.org/10.1093/geront/gnv693

Pillemer, K. A., Nolte, J., & Cope, M. T. (2022a). Promoting climate change activism among older people. *Generations*, *46*(2), 1-16. https://www.jstor.org/stable/48697100

Pillemer, K., Nolte, J., Schultz, L., Yau, H., Henderson, C.R., Jr., Cope, M.T., & Baschiera, B. (2022b). The benefits of intergenerational wisdom-sharing: A randomized controlled study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *19*(7), Article 4010. https://doi.org/10.3390/ijerph19074010

Pocnet, C., Popp, J. & Jopp, D. (2021). The power of personality in successful ageing: a comprehensive review of larger quantitative studies. *European Journal of Ageing, 18*, 269–285. https://doi.org/10.1007/s10433-020-00575-6

Pordata. (2022). *População residente por grupo etário*. https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela

Quintino, A. S. S. (2018). *Efeitos demográficos e económicos das migrações em Portugal: o caso da Segurança Social.* [Trabalho de Projeto de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/36350/1/ulfc124640_tm_Ana_Sofia_Quintino.pdf

Reis, I. F. G., Lopes, M. A. R., & Antunes, C. H. (2021). Energy literacy: An overlooked concept to end users' adoption of time-differentiated tariffs. *Energy Efficiency*, *14*(39). https://doi.org/10.1007/s12053-021-09952-1

República Portuguesa. (2024). *Plano de ação para o envelhecimento ativo e saudável*. República Portuguesa. https://envelhecimentoativo.pt/

Roberts, B. W., Walton, K. E., & Viechtbauer, W. (2006). Patterns of mean-level change in personality traits across the life course: A meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, *132*(1), 1–25. http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.132.1.1

Rogayan Jr., D. V., & Nebrida, E. E. D. (2019). Environmental awareness and practices of science students: Input for ecological management plan. *International Electronic Journal of Environmental Education*, *9*(2), 106-119. https://eric.ed.gov/?id=EJ1219420

Royal Society for Public Health & Calouste Gulbenkian Foundation. (2018). *That age old question*. Royal Society for Public Health and Calouste Gulbenkian Foundation. https://www.rsph.org.uk/our-work/policy/older-people/that-age-old-question.html

Salvalaio, R. C. N., Bussolotti, V. M., Pellegrini, I. U., Santos, J. S. A., & Alvarez, C. E. (2023). Mudanças climáticas e envelhecimento populacional: Uma necessária revisão sistemática de literatura. *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção*, *14*, Article e023024. http://dx.doi.org/10.20396/parc.v14i00.8671221

Schäfer, M. S., & Painter, J. (2021). Climate journalism in a changing media ecosystem: Assessing the production of climate change-related news around the world. *WIREs Climate Change*, *12*(1), Article e675. https://doi.org/10.1002/wcc.675

Schwaba, T., & Bleidorn, W. (2018). Individual differences in personality change across the adult life span. *Journal of personality*, *86*(3), 450-464. https://doi.org/10.1111/jopy.12327

Sen, K., Prybutok, G., & Prybutok, V. (2022). The use of digital technology for social wellbeing reduces social isolation in older adults: A systematic review. *SSM - Population Health*, *17*, Article 101020. https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2021.101020

Severo, E. A., Guimarães, J. C. F., Brito, L. M. P., & Dellarmelin, M. L. (2018). Environmental sustainability and sustainable consumption: The perception of baby boomers, generation x and y in brazil. *Revista De Gestão Social E Ambiental*, *11*(3), 92–110. https://doi.org/10.24857/rgsa.v11i3.1266

Silva, M. M., Turra, V., & Chariglione, I. P. F. S. (2018). Idoso, depressão e aposentadoria: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Psicologia da IMED*, *10*(2), 119-136. https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i2.2858

Simões, A., Lima, M. P., Vieira, C. M., Ferreira, J. A., Oliveira, A. L., Alcoforado, L., Neto, F., Ruiz, F., Cardoso, A. P., Felizardo, S., & Sousa, L. N. (2006). Promover o bem-estar dos idosos: Um estudo experimental. *Psychologica*, *42*, 115-131.

Sousa, L., Galante, H., & Figueiredo, D. (2003). Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: Um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista de Saúde Pública, 37*(3), 364-371. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102003000300016

Sousa, M. (2020, 2 de julho). *Lousada reinventa programa Biosénior e cria "Biosénior em casa"*. Novum Canal. https://novumcanal.pt/2020/07/lousada/lousada-reinventa-programa-biosenior-e-cria-biosenior-em-casa/

Staudinger, U. M. (2020). The positive plasticity of adult development: Potential for the 21st century. *American Psychologist, 75*(4), 540–553. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/amp0000612

Stephan, Y. (2009). Openness to experience and active older adults' life satisfaction: A trait and facet-level analysis. *Personality and Individual Differences*, *47*(6), 637-641. https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.05.025

Stevens, N. (2001). Combating loneliness: A friendship enrichment programme for older women. *Ageing and Society*, *21*(2),183-202. http://dx.doi.org/10.1017/S0144686X01008108

Steverink, N., Lindenberg, S., & Ormel, J. (1998). Towards understanding successful ageing: Patterned change in resources and goals. *Ageing and Society*, *18*(4), 441-467. http://dx.doi.org/10.1017/S0144686X98007004

Stolz, C., Bulla, A., Soch, J., Schott, B. H., & Richter, A. (2023). Openness to experience is associated with neural and performance measures of memory in older adults. *Social cognitive and affective neuroscience*, *18*(1), Article nsad041. https://doi.org/10.1093/scan/nsad041

Street, D., & Cossman, J. S. (2006). Greatest generation or greedy geezers? Social spending preferences and the elderly. *Social Problems*, *53*(1), 75–96. http://dx.doi.org/10.1525/sp.2006.53.1.75

Teater, B. (2016). Intergenerational programs to promote active aging: The experiences and perspectives of older adults. *Activities, Adaptation & Aging, 40*(1), 1-19. https://doi.org/10.1080/01924788.2016.1127041

Thiery, W., Lange, S., Rogelj, J., Schleussner, C. F., Gudmundsson, L., Seneviratne, S. I., Andrijevic, M., Frieler, K., Emanuel, K., Geiger, T., Bresch, D. N., Zhao, F., Willner, S. N., Büchner, M., Volkholz, J., Bauer, N., Chang, J., Ciais, P., Dury, M., … Wada, Y. (2021). Intergenerational inequities in exposure to climate extremes. *Science*, *374*(6564), 158–160. https://doi.org/10.1126/science.abi7339

Tian, H., & Liu, X. (2022). Pro-environmental behavior research: Theoretical progress and future directions. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *19*(11), Article 6721. https://doi.org/10.3390/ijerph19116721

Tinkler, J., & Bousfield, K. (2019). Disengaged or disillusioned?. *Ethos*, *27*(2), 20-23.

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): A 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, *19*(6), 349–357. https://doi.org/10.1093/INTQHC/MZM042

Townsend, B. G., Chen, J. T-H., & Wuthrich, V. M. (2021). Barriers and facilitators to social participation in older adults: A systematic literature review. *Clinical Gerontologist*, *44*(4), 359-380. https://doi.org/10.1080/07317115.2020.1863890

Tracy, S. J. (2010). Qualitative quality: Eight "big-tent" criteria for excellent qualitative research. *Qualitative Inquiry*, *16*(10), 837-851. https://doi.org/10.1177/1077800410383121

United Nations. (2023). *World social report 2023: Leaving no one behind in an ageing world*. Department of Economic and Social Affairs, United Nations. https://desapublications.un.org/publications/world-social-report-2023-leaving-no-one-behind-ageing-world

United Nations Climate Change. (janeiro, 2022). *UN chief: Phase out of coal is key climate*. priority. United Nations Climate Change. https://unfccc.int/news/un-chief-phase-out-of-coal-is-key-climate-priority

United Nations Environment. (2019). *Global environment outlook 6*. United Nations Environment Programme. https://www.unep.org/resources/global-environment-outlook-6

van de Wetering, J., Leijten, P., Spitzer, J., & Thomaes, S. (2022). Does environmental education benefit environmental outcomes in children and adolescents? A meta-analysis. *Journal of Environmental Psychology, 81,* 1-12. https://psycnet.apa.org/doi/10.1016/j.jenvp.2022.101782

van Valkengoed, A. M., Abrahamse, W., & Steg, L. (2022). To select effective interventions for pro-environmental behaviour change, we need to consider determinants of behaviour. *Nature Human Behaviour*, *6*(11), 1482-1492. https://doi.org/10.1038/s41562-022-01473-w

Wagner, J., Ram, N., Smith, J., & Gerstorf, D. (2016). Personality trait development at the end of life: Antecedents and correlates of mean-level trajectories. *Journal of Personality and Social Psychology, 111*(3), 411–429. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/pspp0000071

Wells, N. M., & Pillemer, K. (2015). Environmental engagement in later life: RPM as a framework for intervention. In R. Kaplan & A. Basu A. (Eds.), *Fostering reasonableness* (pp. 157–175). Maize Books. http://dx.doi.org/10.3998/maize.13545970.0001.001

Whitley, C. T., Takahashi, B., Zwickle, A., Besley, J. C., & Lertpratchya, A. P. (2016). Sustainability behaviors among college students: An application of the VBN theory. *Environmental Education Research*. http://dx.doi.org/10.1080/13504622.2016.1250151

World Health Organization. (2002). *Active ageing: a policy framework*. World Health Organization. https://iris.who.int/handle/10665/67215

World Health Organization. (2012). *WHOQOL user manual.* World Health Organization. https://www.who.int/tools/whoqol

Wray-Lake, L., Flanagan, C. A., & Osgood, D. W. (2010). Examining trends in adolescent environmental attitudes, beliefs, and behaviors across three decades. *Environment and Behavior*, *42*(1), 61-85. http://dx.doi.org/10.1177/0013916509335163

Yue, X.-L., & Gao, Q.-X. (2018). Contributions of natural systems and human activity to greenhouse gas emissions. *Advances in Climate Change Research*, *9*(4), 243-252. https://doi.org/10.1016/j.accre.2018.12.003

Anexos

Anexo A: Guião das entrevistas individuais semiestruturadas

Blocos Temáticos	Temas Específicos	Objetivos	Perguntas-Chave	Perguntas Pista
Introdução	Apresentação; Consentimento Informado; Objetivos do Estudo; Duração da Entrevista; Temas que serão abordados.	Obter o consentimento informado do participante; Explicar as características gerais do estudo e da participação; Esclarecimento de dúvidas.		
Características Sociodemográficas	Idade Nível de escolaridade Situação profissional Área de Residência	Recolher informações sociodemográficas.		
Envelhecimento	Experiência pessoal do processo de envelhecimento; Definição social da pessoa idosa.	Descrever a perceção subjetiva e social do processo de envelhecimento.	*O que é para si uma pessoa idosa?*	
			Qual significado atribui ao processo de envelhecimento?	
Idadismo	Estereótipos associados à população idosa; Atitudes idadistas.	Analisar se os estereótipos encontrados na revisão de literatura são corroborados pelos participantes;	*Para si, como se desenvolvem as competências do indivíduo ao longo do tempo?*	-
			Na sua perceção, que visão a sociedade tem da pessoa idosa?	
			Acredita que a população idosa está bem integrada na sociedade?	*Acredita que a população idosa é capaz de estabelecer relações com as restantes gerações?*
			Na sua perceção, a população idosa tem oportunidades suficientes de participação na sociedade?	

Civismo Pró-ambiental	Nível de conhecimento e envolvimento face a questões pró-ambientais	Avaliar o conhecimento das questões ambientais; Analisar as atitudes direcionadas às questões ambientais; Analisar o envolvimento em ações pró-ambiental.	*Qual a sua perceção sobre as alterações climáticas?*	*Acredita que estas alterações são visíveis? Já observou algum efeito destas alterações no seu quotidiano?*
			Na sua opinião, são fornecidos aos cidadãos os conhecimentos necessários para que os cidadãos saibam o que são as alterações climáticas?	*A informação passada é de fácil compreensão?*
			Acredita possuir as ferramentas necessárias para contribuir para o meio ambiente?	

			Considera que as alterações climáticas provocam algum impacto na sua vida?	*Pratica ações a pensar no meio ambiente? Quais? Com que regularidade? Há algum hábito que tenha abandonado pelo bem do meio ambiente?*
			Participa ou já participou de algum projeto direcionado ao meio ambiente?	
Programas intergeracionais direcionados ao ambiente	Oportunidades e barreiras possíveis na participação em programas de intervenção; Características do programa de intervenção.	Descrever a motivação individual na participação em programas de intervenção, bem como barreiras que podem impedir a participação; Recolher informação sobre as características de um programa de intervenção ideal.	*Em que idade considera ser mais típico a preocupação com questões ambientais?*	*Qual grupo etário considera estar mais preocupado com o meio ambiente?*
			Teria interesse em participar num projeto intergeracional direcionado ao meio ambiente?	

			Na sua opinião, que componentes um programa como esse deveria englobar?	
			O que um programa como esse deveria ter em conta para envolver tanto gerações mais velhas como mais novas?	
Conclusão	Apresentação do *debriefing;* Conclusão da Entrevista.	Permitir comentários, questões ou esclarecimentos por parte do participante; Entrega do *debriefing* ao participante; Conclusão da entrevista.	*Gostaria de acrescentar alguma coisa?*	*Abordar algum tema?*